

AMAZÔNIA EM KAOS

RELATOS PUNX ABAIXO DA LINHA DO EQUADOR

AMAZÔNIA EM KAOS

RELATOS PUNX ABAIXO DA LINHA DO EQUADOR

**JADDSON LUIZ . JOKER /ND/O . JOHNNY HARDCORE N/H/L
MARINA KNUP . MAURICIO REMIGIO . VALO VELHO**

Monstro dos Mares
Ponta Grossa – PR
Setembro de 2020

Aviso de Copyleft: Esta publicação é uma ferramenta de luta contra o capitalismo, a colonialidade e o patriarcado em todas as suas expressões. Por isso, pode e deve ser reproduzida para ler em qualquer lugar, discutir em grupo, promover oficinas, citações acadêmicas, rodas de conversas e fazer impressões para fortalecer o seu rolê anárquico / anarquista / banquinha de zines / coletivo. Compartilhar não é crime. Pirataria é multiplicação.

Amazônia em Kaos: relatos punks abaixo da Linha do Equador

Jaddson Luiz S. Silva, Joker Índio, Johnny Hardcore Nihil,

Marina Knup, Mauricio Remígio, Valo Velho.

Ilustração da capa: *Ivam Barros*

Capa: *Marina Knup*

Revisão: *Jaddson Luiz S. Silva*

Diagramação: *Baderna James*

Montagem: *abobrinha*

Editora Monstro dos Mares

Divulgação Acadêmica Anárquica

Caixa Postal 1560

Ponta Grossa – PR

84071-981

monstrosdomares.com.br

editora@monstrosdomares.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A489 Amazônia em Kaos: Relatos punks abaixo da linha do equador /
Organizadores Marina Knup, Joker Índio. – Ponta Grossa, PR:
Monstro dos Mares, 2020.
140 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-65-86008-06-7

1. Ciências sociais. 2. Punks. 3. Cultura punk. I. Knup, Marina. II.
Índio, Joker.

CDD 305.23

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

ENCONTRO PUNK AMAZÔNIA EM KAOS



BELÉM – PARÁ – BRASIL

2019



ORGANIZAÇÃO

Este evento foi produzido e organizado pelo coletivo de punks anarquistas e niilistas que atuam na capital de Belém do Pará, chamado Tapuru Punk.

Contatos:

E-mail: <mailto:apmopbrasil@gmail.com>

Celular: 091 982236076

O bocejo do despertar dos motores da destruição
Incomodam o equilíbrio dos animais
A grande floresta sangra no verde das selvas da corrupção
E o desenvolvimento sustentável
Tem como adeptos as famílias tradicionais
Que fazem da política local o coronelismo moderno
E jamais será vencido pelas políticas de esquerda
Que no fundo no fundo, são destras na hora do poder
Será que a pororoca perdeu o respeito?
Os surfistas da corrupção e do modismo dizem que não.
Amazônia, quem te ama, mata-te primeiro.

(Joker Índio – folheto As faces da poesia)



Desenhos de Ivan Barros

APRESENTAÇÃO

O “Encontro Punk Amazônia em Kaos” será um evento nacional de punks e terá o objetivo de reunir vários punks que estão na resistência cultural em todo o país. Com isso, procuramos promover uma série de debates sobre a atualidade de nossa cultura e sobre o papel do punk nas lutas sociais. Assim sendo, serão abordados temas como: o feminismo e o papel das minas punks na desconstrução e combate ao machismo velado e explícito dentro do punk; Educação, Punk e Anarquismo; e, por fim, a identidade e a cultura do punk no Brasil. Este último nos permitirá problematizar a dicotomia presente na história e no presente do punk construído no país.

Acreditamos, contudo, que estes debates são urgentes em nossa cultura, pois, além de serem atuais, também nos ajudam a refletir sobre os processos históricos pelos quais a cultura punk passou, bem como, nos permite pensar as possibilidades de um diálogo maior e mais profundo entre os punks de todo o país, para além dos conflitos que marcaram nossa história.

O movimento punk sempre esteve na vanguarda de muitos movimentos sociais que lutavam em prol dos excluídos, sempre no diálogo com os LGBT's, o movimento negro e o movimento feminista. Portanto, este encontro será construído visando repensar este passado de lutas e resistência, dentro e fora da cultura punk, para, assim, deliberar nossas atitudes futuras e/ou repensar velhas concepções que podem ser reavaliadas e superadas na busca por nosso fortalecimento e de nossa resistência.

PROGRAMAÇÃO

*19/12/2019 – Quinta-feira
Recepção e alojamento.

*20/12/2019 – Sexta-feira
TEMA: NOVAS PRÁTICAS DE AÇÃO E VIVÊNCIA DENTRO DA CENA PUNK: PRÍNCÍPIOS NORTEADORES DO PUNK.

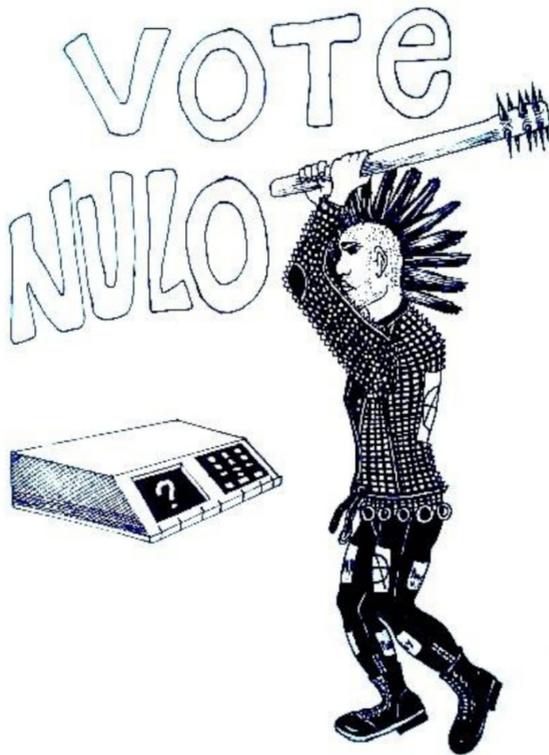
10:00 - Identidade e cultura e punk
15:00 - Dicotomia do punk no Brasil: além do bem e do mal.

*21/12/2019 - Sábado
TEMA: PUNK, FEMINISMO X MACHISMO NO PUNK

13:00 - Sexualidade e movimento punk.
14:00 – Feminismo no punk.
15:00 – Lançamento do livro de Maurício Remígio intitulado **“Desapropriando o currículo: imagem, prática educativa e experiência vivida no movimento anarcopunk”**; e do livro **“My Way: A periferia de Moicano”** de autoria de Valo Velho. O lançamento se dará logo após a Roda de Conversa com os autores.
17:00 – Exibição do documentário de Marina Knup: **“Viver Para Lutar – Punk, Anarquismo e Feminismo: As Minas dos Anos 90”**.

*22/12/2019 - Domingo

10:00 – Roteiro punk Cabano (roteiro no centro histórico de Belém onde aconteceu a Cabanagem em 1835).
15:30 – Lançamento do livro NHC e os anos 90, autor: Jhonny
16:00 – Roda de conversas
16:30 – Gig, exposições de materiais.



“A verdadeira liberdade está no exercício das
diferenças”.
(Jaime Cubero)

Sumário

Encontro Punk Amazônia em Kaos	13
Agradecimentos	31
Galeria de fotos Punk Amazônia em Kaos	33
Uma Guerrilha Cultural Punk: Disparos anarcostóricos e insubmissos do punk em Belém do Pará	45
<i>(Jaddson Luiz S. Silva / Joker Índio)</i>	
Viver para lutar: que nossas histórias sejam contadas por nós mesmxs!	67
<i>(Marina Knup)</i>	
Relato do Encontro Punk Amazônia em Kaos 2019	81
<i>(Johnny hardcore nihil)</i>	
Ninguém educa ninguém, aprendemos juntos	91
<i>(Mauricio Remígio)</i>	
My way – a periferia de moicano	109
<i>(Valo Velho [Billy WolfGangZ])</i>	
Roteiro Punk Cabano	131
<i>(Joker Índio)</i>	

Encontro Punk

Amazônia em Kaos

Durante o período de 19¹ a 22 de dezembro de 2019, foi sediado em Belém do Pará um encontro de punks, no intuito de fortalecer a cultura punk, bem como, de estabelecer novas estratégias de luta e compartilhamento de vivências punks em vários estados brasileiros. A título de explicação, destaca-se que este encontro ocorre todo o ano e, vale ressaltar, corresponde a uma mobilização de punks hardcores (HCs) geralmente ligados filosoficamente ao niilismo.

No evento ocorrido em 2018, intitulado Dezembro Negro, ficou decidido que o encontro do ano seguinte, ou seja, o do ano de 2019, ocorreria em Belém do Pará e que os organizadores teriam total autonomia para pensar o tema geral do evento. Desta forma, toda a mobilização empreendida pelos punks locais resolveu problematizar não só a realidade local da cultura punk, como também, entender o processo histórico, político e cultural que estabeleceu a atual realidade da cultura punk.

A mobilização para pensar e realizar o evento partiu do coletivo composto por punks anarquistas e niilistas intitulado Tapuru Punk. Nesse sentido, o grupo em questão integrado por Joker Índio, Ivan Barros e Jaddson, sem perder a autonomia, projetou os temas do evento no diálogo com os punks HCs através de um grupo no WhatsApp que agregava punks de várias regiões do Brasil.

Também deve ser destacada a forte participação de anarcopunks tanto antes, quanto durante a realização do evento. Houve dois lançamentos de livros de anarcopunks, além da participação dos anarcopunks de Belém do Pará nos debates, na organização da infraestrutura

1 O dia 19/12/2019 correspondeu ao dia do alojamento, bem como, também foi destinado para arrumar o espaço com os últimos preparativos para o evento.

do evento, no transporte dos materiais e nas Gigs. Como somente a banda Tapuru Punk estava completa, muitos punks HCs e anarcopunks se organizaram de forma improvisada e tocaram músicas autorais e clássicos de bandas anarcopunks e hardcores.

Contudo, o principal objetivo foi o de construir um evento que agregasse pensamentos plurais sem perder de vista a coerência dentro da cultura punk, e que fosse construído através do diálogo, e não de forma impositiva.

Esta dinâmica revelou uma série de anseios e indignações dos punks contra o atual estado de coisas no Brasil. O país, cada vez mais inclinado na direção de um fascismo absurdo, instiga os punks a continuarem resistindo e a lutar contra toda e qualquer forma de discriminação, violência contra as mulheres, racismo e exploração da classe trabalhadora.

É fato que os punks HCs, quando assumem uma postura niilista, não acreditam em revolução ou em inserção social, no entanto, é ponto comum na cultura punk que niilismo não é ser apático e nem conformista. Ao contrário, ser punk HC é também um ato de resistência cultural que, ao mesmo tempo em que levanta e fortalece os elementos culturais e identitários do punk, também institui uma existência livre, contestadora e antiautoritária.

No caso dos anarcopunks, a vivência punk e a perspectiva anarquista também os projeta na luta sistemática contra toda forma de autoridade, bem como, na resistência contra o flagrante fascismo brasileiro. Por isso, no evento em questão, os punks HCs e Anarcopunks que participaram, construíram diálogos apesar de diferenças filosóficas e de antigos conflitos individuais.

Devido a esta realidade, tanto cultural do punk, quanto de emergência de luta contra o pensamento totalitário e fascista, foi sugerido como pauta, pelas minas punks Lana (GO) e Cris (MA), a temática do feminismo e o combate ao machismo por indivíduos que se propõem a viver a nossa realidade cultural. Com a ascensão do governo bolsonarista, negros, mulheres e LGBT's têm sofrido com inúmeras perseguições.

Como resultado desta nociva investida, os casos de feminicídio têm aumentado, o racismo, que nunca deixou de existir, agora ocupa as manchetes de jornal quase sem constrangimento por parte dos racistas/agressores, e a comunidade LGBTQIA+, que sempre se viu perseguida e discriminada, tem cada vez mais sofrido toda espécie de violência, seja ela física, verbal ou simbólica.

Nosso movimento contracultural sempre esteve na vanguarda dos movimentos sociais lutando contra os padrões morais, políticos e culturais estabelecidos no ocidente, e que mantém uma forte estrutura de poder. Por isso, somos resistência e luta contra tudo que representa a opressão e alienação, tanto no que tange a dimensão ideológica, quanto material dessa sociedade atual.

É imprescindível, por isso, não deixarmos a cultura punk se esvaír deste potencial revolucionário, não por pretendermos uma transformação total da sociedade, mas sim, por nossa existência ser um ato revolucionário contra uma sociedade abarrotada de valores morais válidos e de relações de trabalho alienantes e exploratórias.

Ser punk é um ato de liberdade e a cultura punk é a mobilização coletiva de nossa expressão libertária individual. Desta forma, o encontro deste ano de 2019 teve a importância de repensar nosso passado, reorganizar nosso presente, e de tentar definir as nossas **diretrizes culturais e políticas** para um possível futuro, sempre mantendo nossa cultura viva, forte, atuante, e, principalmente, **coerente**.

Em resumo, em nossos quase quatro dias de mobilização punk, trouxemos relatos individuais de vivências punks, abordamos temáticas urgentes para nossa cultura e pensamos as diferentes realidades do punk em outras regiões do país. E tudo isso sem perder de vista as conjunturas estruturais da sociedade brasileira e os efeitos nocivos do avanço fascista.

A síntese dos debates empreendidos no decorrer do evento será apresentada no decorrer deste texto, porém, ganhará espaço fundamental nos relatos individuais que irão compor os capítulos deste livro.

Informações sobre a escolha do local do encontro

O evento ocorreu no Instituto Bianca e Adriele, localizado no bairro Pratinha II. A escolha deste local se deu intencionalmente, visto que a história por trás do instituto e o trabalho que tal instituição promove no bairro Pratinha II nos instigou a promover um evento voltado para os conceitos de *apoio mútuo* e *ação direta*, conceitos que estão presentes na história e na cultura punk.

Em resumo, a mobilização social que deu início ao projeto foi uma tentativa de apagar a história trágica que acometeu as duas crianças que dão nome ao instituto. As crianças foram vítimas de um crime bárbaro que envolveu violência física, sexual e assassinato. Tal crime chocou o bairro e intensificou o medo da população local com relação ao futuro das crianças da região, já bastante massacradas pelas desigualdades sociais e pelo crime organizado.

Nessa direção, os avós de Bianca e Adriele ocuparam o local onde os corpos das foram encontrados, e, sem apoio financeiro nem do governo e nem de políticos, deram início a um projeto de mobilização social e política no bairro. Entre os principais objetivos, estavam: trabalhar com as crianças do entorno, proporcionando a elas alternativas de lazer e educação; e, criar um núcleo de ensino e aprendizagem para que as crianças possam se desenvolver intelectualmente.

Assim sendo, na organização do “Encontro Punk Amazônia em Kaos” observamos a forte organização autogestionária do Instituto Banca e Adriele, e, por causa disso, entraram em contato com os responsáveis, visando usar o espaço para o desenvolvimento de várias atividades educativas no decorrer do encontro.

Enquanto organizadores do evento, procuramos articular ações que somariam na infraestrutura e manutenção do espaço. Devido a isso, arrecadamos uma quantia em dinheiro para comprar os materiais que foram destinados a construção um banheiro, além de ajudarmos com a conta de luz, dentre outras ações igualmente importantes.

Nesse sentido, também é importante frisar a atuação constante do Movimento de Organização de Base (MOB-PA) na manutenção do Instituto Bianca e Adriele, e na elaboração de aulas para as crianças que frequentam o espaço. Enquanto estávamos organizando o evento, o MOB desenvolveu umas ações de revitalização da infraestrutura do Instituto. Foi neste momento em que as paredes da sala de aula foram rebocadas e pintadas na parte externa, melhorando assim o espaço de convívio das crianças.

Como nosso evento ocorreu no final do ano, período no qual ocorrem várias festas, acabamos presenciando uma confraternização feita para as crianças do local, com direito a lanches, brincadeiras e distribuição de presentes. Grande parte do evento foi produzido por integrantes do MOB e no diálogo com os responsáveis pelo Instituto.

O evento punk, nesse dia, não elaborou nenhuma atividade específica pela parte da manhã. Com isso, pudemos apoiar e contribuir no trabalho com as crianças, seja desenvolvendo oficinas, seja distribuindo lanches.

Contudo, além destas atividades de apoio ao instituto, nosso evento contou com uma série de discussões norteadas por eixos temáticos. Estes eixos estavam voltados para a cultura punk, e, principalmente, para uma reflexão crítica acerca de nossa história e de nosso presente.

Princípios norteadores do Punk:

Novas práticas, mobilizações políticas e vivências no punk

O primeiro dia de evento (20/12/2019) contou com uma série de debates voltados para a cultura punk, no passado e no presente, visando entender nossas vivências punks enquanto resistência cultural e política.

Pela parte da manhã, houve uma exposição de zines, livros e camisetas, além de umas oficinas de desenho e de feitura de zine. Nesta dinâmica, as crianças ligadas ao instituto acharam interessante a nossa cultura, o visual dos punks e as jaquetas com seus patches e arrebites.

Não tardou para que as crianças também quisessem uma jaqueta, por isso, Valo Velho destacou que na cultura punk, o conceito de “faça você mesmo” é importante e que para que eles tivessem uma jaqueta, teriam que fazer a própria. Desse jeito, uma das crianças arranhou uma jaqueta e Valo Velho a ensinou a colocar os arrebites, patches e a fazer as pinturas e desenhos. Ao passo em que a jaqueta ia sendo produzida, os elementos culturais, políticos e artísticos do punk eram apresentados, configurando assim uma forte relação de aprendizado.

Pela parte da tarde, a roda de conversa rolou entre os punks e o tema do dia foi levantado. Cada envolvido, a seu modo, narrou um pouco de sua vivência e de suas ações desenvolvidas em prol da cultura punk, bem como, descreveu suas ações contra os pensamentos fascistas e suas consequências, a saber: o racismo, a homofobia, o machismo e a violência contra as mulheres.

Estas vivências, plurais e diversificadas, foram apresentadas nos debates e serviram como base para entendermos a história do punk, a partir de nossas trajetórias particulares e coletivas. Desse jeito, procuramos estabelecer as possíveis diretrizes da cultura punk no passado e no presente. A ideia por trás desta pauta consistia em analisar a nossa coerência dentro do punk, pontuando, de forma crítica, situações individuais questionáveis.

Não entraremos em detalhes aqui, pois, cada um dos integrantes tinha uma visão sobre o assunto, bem como, possuía relatos sobre desavenças individuais que respingavam nocivamente nas mobilizações punks por todo o país.

Creio que os posicionamentos apresentados e debatidos durante o evento serão trazidos durante as narrativas dos participantes. Estes relatos, mais adiante, irão compor o presente livro como capítulos independentes, destinados a registrar o evento, suas pautas e as impressões particulares.

Resumidamente, pontuamos aqui as diretrizes basilares do movimento, da cultura e da história punk:

- 1) Antifascismo, Antinacionalismo e Antinazismo;
- 2) Antiautoritarismo de qualquer natureza seja ela entre indivíduos, entre patrão e trabalhadores, ligados ao patriarcado, ou ao poder do Estado;
- 3) Combate contra todas as formas de opressão;
- 4) A busca pelo combate e pela desconstrução do machismo, do sexismo e da homofobia;
- 5) A importância do “faça você mesmo” do punk. Essa característica tem a ver com a produção artesanal do próprio punk acerca do seu visual, seus zines e na questão musical, além de todos os projetos culturais e políticos encabeçados por nós punks. A ideia é a de pontuar a liberdade e autonomia de criação do punk dentro de nossa cultura;
- 6) A busca pelo fortalecimento das características culturais e identitárias da cultura punk.

Aprender com a história e com a nossa história

No segundo dia de evento (21/12/2019) ocorreu o lançamento de dois livros. O primeiro foi o de autoria do anarcopunk Valo Velho, chamado “My Way: A periferia de Moicano”, e o segundo, foi o de autoria do anarcopunk Maurício Remígio, intitulado “Desapropriando o currículo: imagem, prática educativa e experiência vivida no movimento anarcopunk”.

Foi organizada uma roda de conversa, e, nesse momento, cada um relatou sobre o contexto de seus livros ressaltando como suas experiências dentro do movimento punk aparecem em cada trabalho.

Valo Velho produziu uma autobiografia narrando sua trajetória, pontuando desde a sua participação na construção coletiva do Movimento Anarcopunk em São Paulo, passando por sua viagem para os Estados Unidos, até chegar nos dias atuais.

Neste processo, suas críticas são ácidas, mesmo em relação ao que viu e viveu no punk. Embora Valo Velo dispense apresentações, visto que sua trajetória é bastante conhecida, destaca-se que seu pioneirismo encontra-se tanto na ação coletiva de criação do Movimento Anarcopunk de São Paulo durante a segunda metade dos anos 1980, quanto na renovação do cenário musical do Hardcore com a banda Insurreição, bastante conhecida ao lado de outros grupos como Execradores e Metropolixo.

Valo Velho também se intitula militante pacifista, e atua como professor voluntário em algumas ONGs e projetos sociais.

Em relação ao segundo livro, destaca-se que Maurício Remígio descreve sua experiência enquanto arte-educador desenvolvendo um projeto de ensino a partir de sua visão e vivência dentro do Movimento Anarcopunk.

Segundo o autor, sua vivência permitiu produzir uma perspectiva metodológica para o desenvolvimento de um ensino libertário no campo da arte. Para tanto, considerou-se em sua pesquisa o modelo de organização coletiva e sem hierarquia, característico do punk.

Maurício Remigio, que desde bem jovem tornou-se anarcopunk, foi integrante da banda intitulada C.U.S.P.E, atuando como baterista. Nesse sentido, hoje trabalhando como professor na Universidade Federal do Amapá, tem levantado questionamentos sobre perspectivas de ensino que rompem com um modelo de ensino tradicional e autoritário.

Seu livro, assim como o de Valo Velho, corresponde a uma tomada crítica, pessoal e política de narrativas sobre uma história do movimento e da cultura punk feita principalmente pelos próprios punks, considerando suas vivências, memórias e visões políticas, tanto individuais, quanto coletivas.

No decorrer dos debates, a presença de anarcopunks locais foi significativa, e cada um contribuiu fazendo intervenções pontuais acerca de como enxergam a história do Movimento Punk, como vivenciaram esse processo histórico em Belém do Pará, assim como, também trouxeram à tona as suas visões sobre ensino e aprendizagem dentro e fora do punk.

Somou-se a esse debate, relatos de alguns anarcopunks que chegaram a iniciar e/ou a concluir cursos de licenciatura, e suas respectivas atuações no campo docente, como vem a ser o caso de André Bizarro (PA), atualmente formado em Licenciatura em Geografia e o de Josinaldo (MA), que atua como professor de história no Estado do Maranhão.

Ainda nesse dia, muitos temas foram estabelecidos na programação para os debates, porém, devido a algumas questões técnicas e devido ao distanciamento geográfico, alguns punks não puderam participar, fato que tornou inviável o levantamento de alguns desses debates. Dois desses temas foram: “Sexualidade e movimento punk”, e “Feminismo no punk”.

Durante a organização para o evento, esses temas foram apresentados como pauta importante por três minas punks: Lana, Cirlene e Cris. No ano que antecedeu o evento e que foi destinado para a sua organização, muitos debates ocorreram em um grupo de WhatsApp, e, assim, evidenciou-se que o feminismo, por sua luta urgente pela equidade e pelo combate a violência contra as mulheres, precisava ser abordado em um evento punk.

Segundo as propositoras do tema, a cultura punk, em sua história, foi marcada por casos de machismo, e, hoje em dia, infelizmente não deixa de ser diferente. Evidenciou-se que o combate contra todas as formas de opressão não podem se dar apenas no discurso, mas sim, deve se refletir na prática cotidiana da cultura punk através de ações que rompam com o patriarcado e que respeitem e valorizem a presença das minas na cultura punk.

Entretanto, pensar da importância do tema, o debate não ocorreu por entendermos que este foi um tema elaborado por minas punks e que este tema correspondia ao Lugar de Fala delas. Assim sendo, optou-se por não realizarmos o debate.

Para o segundo dia do evento, também foi estabelecido que apresentaríamos o documentário da anarcopunk Marina Knup, intitulado “Viver Para Lutar – Punk, Anarquismo e Feminismo: as Minas dos Anos 90”. No entanto, por canto de problemas técnicos com o aparelho para a reprodução do filme, acabamos não conseguindo apresentar o material naquele momento.

Vale ressaltar que este documentário já havia sido apresentando alguns meses antes, em Belém do Pará, em pelo menos três sessões de cinema, sendo uma ao ar livre na praça da Trindade (antigo point dos punks de Belém) e, em outros lugares, como no Sesc Ver-o-Peso. Esse foi um evento organizado pelo anarcopunk Sergio (PA), em parceria com o anarcopunk André Bizarro (PA).

Devido a relevância deste documentário, e a sua circulação em Belém entre o meio punk, a autora Marina Knup foi convidada para participar desta obra por intermédio da produção de um capítulo, no qual deveria ser abordada a sua perspectiva sobre a presença das minas na cultura punk.

No final do segundo dia, organizamos o espaço para que os participantes pudessem montar uma Gig. Nesse momento, de forma improvisada, muitas músicas de bandas antigas e atuais, da cena nacional e regional, compuseram a trilha sonora.

O NHC, OS ANOS 90 E A GIG NO FINAL DO EVENTO

O terceiro e último dia do evento (22/12/2019) contou com uma programação no centro da cidade, e também trouxe o lançamento do livro de Johnny punk HC intitulado “O NHC e os anos 90: Uma história de luta, amizades, conflitos e cultura”. Ao final do evento, rolou uma roda de conversa, a exposição de materiais punks e rolou uma Gig.

A primeira atividade, intitulada “Roteiro Punk Cabano” consistiu em um passeio turístico pelo Centro Histórico de Belém, no intuito de apresentar os locais por onde a Revolta da Cabanagem passou. A história de luta do movimento cabano foi abordada, ressaltando o povo oprimido resistindo contra o julgo das elites locais.

A cabanagem foi um movimento social que eclodiu no século XIX e, com a grande força do movimento, os cabanos conseguiram destituir o governo local e instituíram um governo cabano. Sua resistência energética e radical promoveu inclusive a morte do governador na época.

A história do movimento cabano é apresentada, infelizmente, de forma quase apolítica e inócua no ensino básico e mesmo no Centro Histórico de Belém. Visando abordar criticamente a história, fugindo do vício oficial e comprometido com as elites locais, nós punks de Belém procuramos em nossas atuações sempre levantar a memória e a identidade do povo cabano.

Na ocasião do Roteiro Punk Cabano, Joker Índio ficou responsável por mediar o passeio e por apresentar a História da Cabanagem por uma perspectiva punk. Vale ressaltar que Joker Índio vem desenvolvendo, na atualidade, pesquisas sobre o assunto.

Após o roteiro, que terminou no Museu do Encontro localizado dentro do Forte do Castelo, um dos lugares ocupados pelos cabanos, fomos almoçar no mercado do Ver-o-Peso. Este foi também um momento em

que havia dois grupos do evento rondando pela cidade. Um foi o que fez o Roteiro Punk Cabano e o outro grupo ficou responsável por buscar no aeroporto o Johnny HC.

Os dois grupos acabaram se desencontrando, e, por isso, ficou decidido o retorno, logo após o almoço, para o local do evento, visando o início do lançamento do livro de Johnny, e, logo em seguida, o início da roda de conversa.

O lançamento do livro de Johnny HC ocorreu da mesma forma como no dia anterior com o lançamento das outras duas obras. Fizemos uma roda composta por punks HCs, anarcopunks e simpatizantes da cultura punk, dentre eles os responsáveis pela manutenção do Instituto e uma professora do MOB que atua dando aulas de filosofia na instituição.

Johnny, conforme narra em seu livro, foi um dos punks que vivenciou o processo de ruptura dentro do Movimento Anarcopunk, dando origem, assim, aos punks HC's de orientação niilista. Este foi o momento em que se fundou o Núcleo Hardcore (NHC), no Rio de Janeiro, e que era composto por mais dois punks. Destaca-se que o autor, em seu livro, é bastante crítico em relação não só ao que vivenciou no punk, mas também, apresenta suas críticas aos excessos cometidos por ambos os lados durante o período da ruptura.

Como foi trazido no livro e na roda de conversas, Johnny faz questão de pontuar que não pode se responsabilizar por coisas que outras pessoas disseram ou fizeram após a ruptura. Ou seja, ele se responsabiliza apenas por seus atos, assim como, não há por sua parte, nenhum interesse em remoer brigas do passado ou mesmo apontar culpados ou inocentes.

Segundo o que foi relatado no livro, a crítica que motivou a ruptura por parte dos punks HC's, revelava os anseios daqueles que já não acreditavam mais na possibilidade de uma revolução anarquista, aos moldes de uma perspectiva utópica, capaz de construir uma sociedade totalmente sem hierarquias.

Em meio há tantos acontecimentos e conflitos surgiu a afinidade de três punks hardcores, eu, Osmani e Papelão formamos a banda HECATOMBE (com H e sem nenhum vínculo com a gangue) uma banda que já começava a dar sinais de um afastamento nosso do MAP/RJ. A revolução social para nós já não era mais possível, a estupidez humana não seria capaz de criar uma sociedade harmoniosa a níveis globais e não era fatalismo, era a sociedade que se mostrava na época (e ainda se mostra?) e era o que conseguíamos enxergar e passávamos em nossas letras².

Johnny relata que sua intenção não foi a de romper totalmente os contatos entre os punks, fato que acabou ocorrendo em vários estados brasileiros. Inclusive, logo após finalizar o zine chamado Ruptura, chegou a se encontrar com integrantes do MAP do Rio de Janeiro. No entanto, contrariando a sua expectativa de uma convivência entre as duas ramificações da cultura punk, acabou se deparando com um ambiente hostil.

Contudo, independente dos conflitos que ocorreram no passado, a vida seguiu, e, segundo narra o próprio autor, muito punks que se envolveram em conflitos mais enérgicos, e até mesmo com violência física, não estão mais nem na cultura punk ou mesmo no Brasil.

Não queremos nessa introdução acerca do evento, entrar em nenhum juízo de valor, apontando certos ou errados. Entretanto, descrevemos aqui um pouco do conteúdo do livro e da roda de conversas, porque este foi um momento no qual os ânimos ficaram relativamente exaltados. Alguns fatos do passado foram apresentados tanto por Valo Velho quanto pelo Johnny.

Concluiu-se que ambos os lados se sentiram muitas vezes alvos de narrativas deturpadas, e, por isso, vítimas de violências físicas e simbólicas. Mesmo com o tema delicado, o convívio e as trocas de ideias foram pacíficas. De certa forma, algumas pontes foram erguidas na direção de diálogos possíveis entre punks HC's (de orientação nihilista) e anarcopunks.

2 Johnny HC. Livro: O NHC e os anos 90: Uma história de luta, amizades, conflitos e cultura / produção independente. – 2019, p. 07.

Por causa dos temas abordados, e por promover uma articulação para além dos conflitos pessoais e pelo território amazônida onde organizamos o evento (Belém do Pará, “periferia” econômica e política do Brasil), enxergamos a força deste evento e a sua historicidade inegável.

Não acreditamos que o passado pode ser apagado, e nem que os conflitos serão findados sem ressentimento ou justos questionamentos. Todavia, entendemos que a história está em constante mudança, e, portanto, pode ser analisada de forma crítica na direção de possíveis diálogos, tendo em vista o fortalecimento da cultura punk e o respeito e apoio mútuo.

O debate contou com a participação de várias pessoas que tinham a liberdade de perguntar, questionar e intervir do início ao fim. Este foi o momento em que Marjorie Moretto, professora de filosofia vinculada ao MOB, fez uma intervenção bastante pontual e pertinente acerca de sua visão sobre o feminismo, o anarquismo e a cultura punk.

Embora conhecesse pouco sobre a cultura punk, suas colocações perpassaram por uma vivência crítica enquanto anarquista e enquanto uma mulher ligada identitariamente ao cenário underground. Desta forma, Marjorie destacou que não raramente chegou a ter notícias sobre atos de machismo em eventos de rock, inclusive, por parte de pessoas que usavam visual supostamente punk dentro dos eventos de alternativos. A partir desta colocação, ela questionou como os punks enxergam esses casos e como, ao longo da história do punk, os coletivos atuavam no combate a esses casos e a essas denúncias.

Como resposta, foi enfatizado que a cultura punk, por uma questão de posicionamento político e identidade cultural, sempre procurou uma construção coletiva, desde o início do Movimento Anarcopunk, que fosse capaz de romper com as formas de opressão, sejam ela de classe, étnico-racial, de sexualidade e de gênero.

Enfatizou-se que este posicionamento, em nossa história, sempre foi reafirmado através do boicote tanto de bandas, quanto de indivíduos que ostentavam tais ideias e/ou comportamentos nocivos.

Por fim, terminado o debate, o final do evento contou com uma Gig, na qual os participantes do evento tinham a liberdade de se juntar e mandar os sons punks das bandas que participaram ou que conheciam. Muitas músicas autoras foram apresentadas, com principal destaque para a participação de André Bizarro (PA) que mandou muitas músicas da banda anarcopunk paraense que ele ajudou a compor em 1999: Sem Deus Nem Pária.

Valo Velho e Johnny também contribuíram bastante no que se refere à parte musical. Contudo, o evento só possível graças a ajuda de muitos punks desde o período de sua elaboração, até o momento de sua ocorrência. Devido a isso, a organização do evento agradece a todos os que participaram e contribuíram.

A organização dos capítulos e seus autores

Os textos de cada capítulo trazem as impressões individuais de alguns punks que participaram do evento, e, dentre eles, alguns dos organizadores do Punk Amazônia em Kaos. Visando a pluralidade de ideias e a autonomia criativa e reflexiva de cada um, os capítulos foram produzidos com total liberdade dos seus autores, levando em consideração suas vivências, percepções de mundo e questões culturais e identitárias.

O primeiro capítulo, cuja autoria corresponde a Jaddson Luiz S. Silva e Joker Índio, focou em dois pontos que julgamos relevante abordar: A cultura punk em Belém do Pará, e a importância política e cultural de um evento punk produzida no contexto amazônico, ou seja, na “periferia” econômica e política do Brasil. A partir deste tema, é descrito e analisado a trajetória do movimento e da cultura punk na região, tanto no passado, quando no presente. Posteriormente, são descritas as intenções por trás do evento, mas isso sob a ótica dos dois autores.

O segundo capítulo, por sua vez, é de autoria da Marina Knup. Em seu texto a autora relata sua experiência com o projeto **Anarco-Filmes** criado em 2007. O projeto corresponde a uma mobilização anarcopunk destinada a produzir materiais audiovisuais no melhor estilo “faça você mesmo” do punk. Nessa direção, a principal proposta consiste em desenvolver uma narrativa histórica sobre o punk, que seja feita pelos próprios punks. E é assim que acaba surgindo o documentário “**Viver Para Lutar – Punk, Anarquismo e Feminismo: As Minas dos Anos 90**”. Contudo, Marina Knup em seu texto relata sua experiência durante as gravações e quais as intenções que a motivaram até a conclusão da obra.

O terceiro capítulo é de autoria do Johnny HC. Seu texto consiste em um relato sobre suas experiências desde a viagem que fez de Goiânia para Belém, até suas impressões sobre o evento propriamente dito. Neste contexto, o olhar crítico de Johnny o fez perceber similaridades e diferenças entre as cidades e entra as suas relações de resistências produzidas nas periferias de Belém. No entanto, seu enfoque é dado

ao evento e relata muito dos assuntos que escreveu em seu livro “**O NHC e os anos 90: Uma história de luta, amizades, conflitos e cultura**”. Para tanto, em seu capítulo Johnny promove uma autocrítica e pontua o que considerou importante no período da ruptura, assim como, enfatiza que não concordou com todos os caminhos tomados pela cultura punk após esse período. Ele considera que as críticas que motivaram a ruptura foram necessárias, mas que lamenta os conflitos pessoais que geraram interpretações equivocadas e que deixaram marcas profundas na atualidade. Em sua perspectiva, Johnny considerou o evento como um marco importante no que tange a diminuição das relações conflituosas do passado, porém, entende que isso não significa um fim das intolerâncias e conflitos entre os punks.

O quarto capítulo corresponde ao texto de Maurício Remígio. Nesta parte, o autor relata sua experiência no evento, e toma como ponto de partida a sua perspectiva no campo da educação. A narrativa descreve seus primeiros contatos com os punks locais, e seus rolês pela cidade com outros punks. Em uma parte importante de seu texto, Maurício descreve a relação de educação, arte e cultura punk que presenciou ao observar a experiência de uma das crianças vinculadas ao Instituto Bianca e Adriele. No caso, o autor se refere ao ato de criação que levou a criança a produzir sua própria jaqueta punk, pregando arrebitos e costurando.

O quinto capítulo foi escrito por Valo Velho. Seu relato perpassa tanto pela vivência no evento, quanto por lembrar os caminhos que percorreu até escrever o livro que narra sua trajetória de vida. Assim sendo, comenta sobre os desafios que consistem em revisitar memórias para condensá-las resumidamente numa obra estática como ver a ser o caso dos livros. Nesse meio termo, o autor abre espaço para tratar de um assunto que suscita posicionamentos divergentes dentro do movimento e da cultura punk: a questão religiosa. Em caminho, são apresentados alguns embates pessoais e coletivos, dentro e fora do Evento Punk Amazônia em Kaos. Também é levantada a relação de Valo Velho com a música.

O sexto capítulo é de autoria do Joker Índio. Seu texto versa por apresentar, resumidamente, as intenções por trás do Roteiro Punk Cabano, que foi idealizado e colocado em prática por ele durante o evento.

Apesar de termos apresentado os resumos de cada capítulo, isso não exclui a necessidade de leitura completa de cada um deles, visando a compreensão do aspecto geral do evento, mas, também, para que cada capítulo possa ser entendido nos aspectos específicos que trazem.

Jaddson Luiz S. Silva
Joker Índio

Cartas enviadas ao evento

Os organizadores do evento e seus participantes agradecem a todos que enviaram cartas para serem lidas durante o evento. Embora por questões técnicas nem todas tenham sido lidas e debatidas no decorrer do evento, posteriormente muitas cartas foram lidas e suscitaram reflexões. Destacamos, acerca do envio das cartas, a participação de Lana, Pelezinho, Pezão. Também agradecemos aos dirigentes da rádio “Invasão Sonora: Pela Terra Contra o Capital”, de Pelotas no Rio Grande do Sul. A rádio não apenas divulgou o evento, como também, nos enviou materiais com conteúdos de resistência política, militância anarquista e de apoio aos movimentos sociais.

Agradecimentos

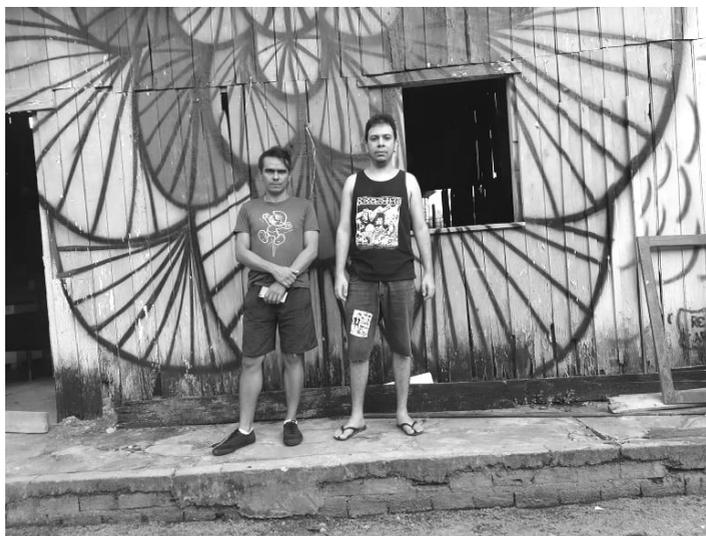
Agradecemos a todos os que participaram do evento e a todos que somaram esforços com a gente no intuito de coloca-lo em prática. Muitos nomes podem ser citados, e, dentre eles estão Dona Ivanice e Seu Jorge (organizadores do instituto), Marcelinho (punk HC de Macapá que veio ao evento e que ajudou em várias atividades), Jairo (punk de Belém que ajudou no transporte dos punks e de vários equipamentos), Erik (punk HC do Maranhão que contribuiu com a bateria, além do apoio financeiro), Sérgio (anacopunk de Belém que também ajudou em questões técnicas e de infraestrutura), Taiht e Pezão (punks HCs que também contribuiu), e Marina Knup (anarcopunk que topou somar com o evento e que aceitou escrever sobre a produção de seu documentário).

Galeria de fotos

Punk Amazônia em Kaos



Dona Ivanice, avó de Bianca e Adriele, e idealizadora do instituto.



Da esquerda para a direita: Joker Índio (PA) e Jaddson (PA)
Em frente a casa onde são guardados os brinquedos,
a biblioteca, a cozinha e os banheiros.



Sala de aula do instituto antes da reforma feita pelo MOB.



Sala de aula pela parte de dentro.
Foi o local onde se passou grande parte do evento



Espaço onde o novo banheiro foi construído.



Registro de uma das exposições.



Valo Velho durante o lançamento de “My Way: a periferia de Moicano”.



Da esquerda para a direita: Ivan Barros (PA), Marcos Moraes (PA) e Maurício Remígio (PB) no lançamento do livro “Desapropriando o currículo: imagem, prática educativa e experiência vivida no Movimento Anarcopunk”.



Da esquerda para a direita temos Joker Indio (PA), André Bizarro (PA), Michel (PA), Sergio (PA), Josinaldo (MA).



Da esquerda para a direita: Valo Velho (SP), Jaddson (PA) e Mauricio Remigio (PB).



André Bizarro (PA), Pop (PA), Valo Velho (SP), Johnny (GO) e Beto (vocalista da banda Ato Abusivo de Belém do Pará).
Esse foi o lançamento do livro “O NHC e os anos 90: Uma história de luta, amizades, conflitos e cultura”



Ivan (PA), Milene (PA), Keila Monteiro (vocalista da banda Cais Virado de Belém do Pará), Beto (banda Ato Abusivo, PA), Marjorie Moretto (professora vinculada ao MOB) e Joker Índio (PA).



Maurício Remígio (PB) e André Bizarro (PA).



Reunião de alguns punks e demais participantes do evento.



Joker Índio (PA) e Seu Jorge (PA)
no Roteiro Punk Cabano.



Joker Índio (PA) e Valo Velho (SP)

Capítulos / Relatos

Uma Guerrilha Cultural Punk:

Disparos anarcotóxicos e insubmissos
do punk em Belém do Pará

Jaddson Luiz S. Silva

Joker Índio



1.

No período de articulação, produção e divulgação do “Evento Punk Amazônia em Kaos”, algumas informações equivocadas e sem base foram difundidas sobre a existência do Movimento Punk na capital do Pará. Em meio a tretas pessoais, diretas e indiretas, algumas críticas respingaram, injustamente, não apenas no projeto de articulação do evento, mas também, na trajetória importante e inegável do punk na região. Entre as informações equivocadas, estava a falsa ideia de que não existe Movimento Punk por aqui. Contra esta afirmação, a história do movimento local dá conta de uma consistente defesa... Entendemos que conflitos pessoais tenham existido e que ainda hoje latejam feridas do passado, difíceis de cicatrizar. No entanto, embora não haja perspectiva para um fim imediato e geral dos conflitos passados, as movidas punks, individuais e coletivas, devem continuar existindo de forma livre, independente e autogestionária. A ação direta é nosso ponto de partida, o apoio mútuo necessário e a resistência contra a opressão, o fascismo e o capital, ainda é urgente. Devido a isso, só conseguimos ver o apoio entre os punks, com respeito e ponderação, como necessário, principalmente para o fortalecimento de nossa cultura, e para a difusão de nossas visões de mundo.

2.

Não parte da gente nenhum julgamento, seja contra indivíduos, seja contra coletivos e correntes de pensamento dentro do punk. Não costumamos tomar partido sem ouvir e entender os dois lados de uma mesma questão. Portanto, não iremos focar num passado de conflitos, mas sim, em uma história de luta, articulação política, movimentação cultural e agitação anárquica. Ou seja, visualizamos no horizonte de nossas vivências punks, a importância da história do Movimento Anarcopunk no norte do país, mais especificamente, em Belém do Pará. Não trazemos esta narrativa particularmente “anarcocrônica”

para tomar partido contra essa ou aquela corrente de pensamento. A intenção consiste apenas em entender a situação particular de Belém, pontuar uma parte de nossa história e interpretar como as relações de apoio mútuo continuaram existindo e alimentando a existência da cultura punk até nossos dias.

3.

Na década de 1980, assim como em outras regiões do país, Belém possuía um número expressivo de jovens espalhados pelas várias periferias da cidade, e que estavam descontentes com o contexto político do país. Para tanto, colocavam-se contra as desigualdades sociais do jeito como em que era possível. Foi neste momento em que os jovens locais encontraram na música, uma ferramenta de resistência artística e cultural contra o cenário nacional e local que impunha uma arte e uma cultura alienante, que dominava a grande mídia.

4.

Vivia-se, como ainda hoje em muitos aspectos se vive, numa cidade bastante moralista, hipócrita, e profundamente marcada pelo pensamento hegemônico produzido e disseminado pela Ditadura Militar (1964-1985), governo que só “deixou de existir” na metade dos anos 1980. Nesse contexto, abriu-se espaço para o surgimento da revolta punk no ambiente paraense, próximo ao período em que o punk dava seus primeiros passos e se consolidava em vários estados brasileiros.

5.

O punk trouxe uma crítica anárquica, mas também niilista, contra o mercado fonográfico brasileiro que estava se voltando para o cenário do rock. Esta realidade promoveu o surgimento de um cenário autônomo, alimentado pelas próprias bandas e pelo próprio público, no melhor estilo “faça você mesmo”. Em Belém, diferente do cenário do rock ligado ao eixo “Rio de Janeiro e São Paulo”, o cenário do rock nasceu e se fortaleceu nas periferias locais, ou seja: passou distante da classe média despolitizada e era indiferente frente aos mandos e desmandos do governo militar. Isso permitiu a consolidação gradual e progressiva de bandas e públicos mais inclinados na direção do punk.

6.

Ainda não era o período do Movimento Punk propriamente dito. Era apenas um embrião que aos poucos tomava forma. E isso já era de se esperar. Afinal, poucas informações chegavam, poucos discos e fitas cassetes. O fato era que o momento estava politicamente desfavorável devido à repressão da Ditadura Militar, ao domínio das grandes mídias e também graças ao distanciamento geográfico de Belém do Pará em relação aos centros econômicos e políticos do país.

7.

A condição periférica da cena rock local, proporcionou a construção de um ambiente altamente livre das grandes gravadoras e com forte potencial para a criação de um Movimento Punk com características próprias, considerando nosso afastamento geográfico, nossa urbanidade específica e nossa relação identitária e cultural com a Floresta Amazônica, fortemente penalizada pela grilagem de terras, violência no campo e pelos impactos dos grandes projetos de mineração e devastação florestal.

8.

No eixo “Rio de Janeiro e São Paulo” (só para tomar este como um exemplo), a juventude que formou os primeiros passos do punk no Brasil, veio de um contexto urbano marcado pelas contradições das grandes cidades industrializadas. Belém, como uma grande capital, também já possuía um contexto urbano profundamente marcado por contradições sociais. Porém, além desta realidade adversa, estávamos (como ainda estamos) na periferia do país. Neste território, a exploração da Amazônia já gerava um conflito agrário latente que matava indígenas, promovia a mineração (legalizada ou não) em grande escala e desenfreada, a grilagem de terras e o assassinato de militantes políticos. Todos esses conflitos, e mais os conflitos dos centros urbanos, eram maximizados devido ao esquecimento da região norte dentro das políticas públicas de “desenvolvimento social”. Então, quando em Belém o cenário do rock (e não estamos dizendo que punk é rock!!!) começou a se formar, um embrião do punk, ainda modesto, encontrou espaço para consolidar um movimento contracultural que, alguns anos depois, ganhou força e coerência a partir do Movimento Anarcopunk (MAP). Foi neste momento que, muito atrelado a música, algumas bandas já com inclinações para letras e posturas mais punks vieram à tona e trouxeram um pouco desta realidade periférica e das mazelas que já acometiam a população local. A banda Gestapo (hoje chamada de Ato Abusivo), depois desse período inicial, mais especificamente no começo de 1990, trazia a música “Assassinato de um líder rural”:

ASSASSINATO DE UM LÍDER RURAL

Banda: Gestapo (ou Ato Abusivo)

Agora tens a terra que querias divididas
Agora tens a terra pela qual lutaste em vida
Agora tens a terra, o motivo da tua morte.
Agora tua família está jogada à própria sorte
Agora tens a terra que querias dividida
Mas do que adianta a terra
Se já perdeste a vida.

Assassinaram o líder rural
Assassinaram o líder rural
Assassinaram o líder rural
Assassinaram o líder rural
Assassinaram mais um...

E até quando vamos ver impunidade e injustiça sobrevivem
Até quando vamos ver impunidade e injustiça.

Destacamos que, enquanto punks e anarcopunks, combatemos noções de fronteiras territoriais e o nacionalismo. Esses conceitos reproduzem atos excludentes e xenofóbicos contra estrangeiros e até mesmo contra migrantes dentro do país, como vem a ser o caso da perseguição contra os nordestinos. Nossa busca por um mundo sem fronteiras, entretanto, nos permite entender que existem realidades sociais diferentes de um lugar para outro, fato que nos faz perceber conflitos sociais diferentes em certos aspectos, e que, portanto, também necessitam ser combatidos. Dito isso, apenas enfatizamos que a realidade da cultura punk local também foi afetada pelos conflitos sociais que, dentre outros, também pulsavam aqui.

9.

O punk não está apenas na música, e é sempre imprescindível mencionar isso, assim como o punk também não está somente no visual e nem apenas em rolês pela cidade e na produção de zines. Porém, não podemos nos desfazer destes elementos culturais que constituem nossas características e nossas práticas. A cultura punk, como qualquer vivência cultural, sofre modificações porque não é estática no tempo, e, também, porque acaba se adaptando a algumas realidades locais. Como exemplo, destacamos que o punk surgiu como uma crítica contra o mercado da música dominado pelas grandes gravadoras. Esse foi o momento em que a produção punk estava vinculada ao punk rock, e, com ele, iniciou a sua história. No entanto, com o tempo, o punk rock foi cooptado pelas grandes gravadoras no que podemos chamar de “poplização do punk”. Com isso, a mensagem de luta e resistência foi deturpada. Assim, num ato de resistência, a cultura punk se renovou musicalmente com o advento do hardcore. Destacamos, também, que o punk que se vivencia no Brasil, tanto no passado quanto no presente, não é o mesmo punk que se viveu nos Estados Unidos, na Inglaterra ou em qualquer outro lugar do mundo. O que nos resta é estabelecer, coletivamente, bases importantes para que nossa cultura não seja descaracterizada e nem deturpada com uniões escusas com culturas urbanas que defendem coisas que abominamos. Ou seja, por ser um movimento contracultural, o punk está em constante movimento, e como tudo que se move acaba se transformando, não estamos estáticos... Não ficamos parados no tempo... Resumindo, não somos tradição. Somos subversão... Insubordinação... Somos um movimento em constante mudança, sem amarras, e, por isso, o punk rompe com qualquer tradicionalismo, seja em sua forma de ser, seja em seu conteúdo. Não à toa o punk surgiu em grandes metrópoles industrializadas, sem se restringir apenas a elas.

10.

O punk fez da realidade de cada local, um terreno fértil para fecundar uma parte de sua história, arte e cultura. Nesse sentido, como o território brasileiro tem dimensões continentais, não há como uma cultura tão visceral e insubordinada quanto o punk permanecer imutável e “pura” aos moldes de um tradicionalismo irrealista. E foi por esta realidade que a cultura punk, movimento contracultural que rompeu fronteiras territoriais, construiu uma história forte e inegável em Belém do Pará.

11.

Em muitas das nossas conversas aqui em Belém do Pará, repensando as questões culturais, políticas, históricas e artísticas da cultura punk e de nossa vivência no punk, o Joker Índio disparou uma “bala verbal”, à queima-roupa, na problemática dos discursos que descaracterizam e deslegitimam a nossa experiência punk no norte do país. A “bala verbal”: **etnopunkcentrismo!** Contra esses discursos, as múltiplas faces do punk se apresentam, não só em nossa realidade, mas sim em todas as realidades punks. Em cada região, sotaques diferentes e expressões locais se fundem em uma série de expressões punks “TRANSregionais”. O nosso “égua” divide espaço com a expressão “movida”, da mesma forma que a expressão “oxente” conversa com a palavra “squat” tranquilamente numa ocupação punk. Por romper as fronteiras territoriais, linguísticas e até mesmo sociais, o punk se expande e se instala por onde passa, promove lutas, resistências, cria contatos e estabelece redes de solidariedade entre punks e não punks. Às vezes em maior número, às vezes em menor número, mas sempre resistindo contra as adversidades, se impondo através de seu visual, de sua música, de suas pixações, de suas panfletagens, colagens e produção de zines, bem como, por intermédio de suas práticas individuais (ação direta) e coletivas (apoio mútuo).

A cultura punk existe e resiste em vários lugares, e, aqui em Belém, não é diferente. Respeitamos a história do punk em todos os estados e cidades pelo país afora, e é justamente por isso que nossa vivência de punks amazônidas não se submete a nenhum colonialismo de ideias deslegitimando a nossa existência em quanto punks. Os sinais da ruptura no MAP/RJ, em 1995, chegaram aqui e causaram efeitos inegáveis, entretanto, não nos deixamos afetar por conflitos que saiam da esfera coletiva e entravam na esfera pessoal.

12.

Acerca das pulsações do punk na capital do Pará, uma mobilização coletiva, em 1990, fez a diferença e demarcou uma divisão entre as visões de um punk apenas musical, para dar lugar ao punk como movimento político e cultural. Este é o momento do Movimento Anarcpunk (MAP) em Belém, que era construído em diálogos com os diversos MAP's espalhados por todo o Brasil. Antes, na segunda metade da década de 1980, já havia uma tentativa de construção coletiva que foi chamada de Movimento Punk e Alternativo (MPA). Mas é a partir dos anos 1990 que o punk na cidade se fortalece com a coerência filosófica do anarquismo, desenvolvendo uma série de ações.

13.

Na esfera musical, o ano de 1992 contou com a criação de uma coletânea que juntou quatro bandas punks locais, ligadas, através de alguns de seus integrantes, ao MAP/PA. “Gritos de Agonia e Desespero” trouxe a produção musical das bandas Anomalia, Contraste Social, Gestapo e Delinquentes. No decorrer da coletânea, músicas criticando o nacionalismo, as contradições sociais, a violência policial e a trazendo a urgência da perspectiva do anarquismo político e filosófico estavam presentes. Hoje em dia, apenas duas bandas estão na ativa, mas seguiram por outros caminhos dentro do cenário rock, se fixando somente no campo musical. Entretanto, tiveram a sua contribuição na trajetória do punk.

14.

A década de 1990 foi importante para a cultura punk em Belém do Pará. A cidade como um todo pulsava mobilizações culturais, os movimentos sociais tinham autonomia e força, e os artistas que já desde os anos de 1980 agitavam intelectual e politicamente a capital desenvolviam ações coletivas que muitas vezes dialogavam com anarquistas e anarcopunks. Este foi o período da ocupação chamada Na-morada da Arte. Muitos coletivos artísticos ocuparam um prédio no qual funcionava o Museu da Imagem e do Som, numa ação que resistiu contra as investidas do Estado e que durou cerca de 10 anos de existência. Nesta ocupação, além de vários coletivos, estava a presença do Centro de Cultura Libertária (CCL), assim como, também havia a presença dos anarcopunks. O CCL possuía vários livros e jornais anarquistas disponíveis para consultas e que em muito ajudou a formar a visão dos anarcopunks locais. Na ocupação, várias exposições eram produzidas e peças teatrais apresentadas. Foi neste período em que um grupo de anarcopunks e góticos formou o Estrela Negra. Este era um grupo anarquista de teatro de rua que, dentre várias peças, apresentou a peça “O Governado”. A peça em questão chegou na cidade através dos contatos que os anarcopunks de Belém mantinham com anarquistas e anarcopunks de várias localidades.

15.

Os anarcopunks também promoveram muitas manifestações em repúdio ao militarismo e contra o armamento nuclear. Estas manifestações ocorriam em meio as “comemorações” de 7 de setembro em alusão a “independência” do Brasil.



Anarcopunks e anarquistas em 7 de setembro de 1993 na Praça da República.
Manifestação contra o militarismo.

Fonte: Página do Facebook “Brazilian Hardcore Discography”³.

3 Acessado no dia 06/07/2020, às 23h44, no seguinte endereço eletrônico:
<https://www.facebook.com/brazilianhardcore/photos/p.2538716756361207/2538716756361207/?type=1&theater>

Conhecer a nossa própria história, também é um ato de resistência. Uma das principais estratégias de luta dos grupos oprimidos vem a ser a retomada de sua história através de uma narrativa que rompa com o olhar eurocêntrico, machista, racista e LGBTQIA+fóbico dos colonizadores. A cultura punk várias vezes foi deturpada na mídia. Contra ela, criamos nossos zines como estratégia de difusão de informações e combate contra os pensamentos hegemônicos. O mesmo ocorre quando nós mesmos lutamos para também escrever a nossa própria história, dentro e fora das instituições de pesquisa e ensino.

16.

As práticas culturais vivenciadas pelos punks em Belém, além dos rolês e manifestações, também contavam com os encontros semanais no point que ficava na Praça da Trintade. Este espaço carrega a memória não só de bebedeiras e conversas, mas principalmente de debates sobre anarquismo, militância social e reflexões filosóficas das mais variadas. Outro local destinado para o grupo de estudos era a Praça que fica dentro do CENTUR, um prédio público que conta com 3 bibliotecas, e mais um vasto acervo de fontes jornalísticas, uma fonoteca e uma sala de vídeo que na época fazia sessões de filmes uma vez por semana. Todos esses espaços tinham livre acesso. Porém, as reuniões mesmo ocorriam na praça próxima a entrada do prédio. Aqui em Belém, mas é lógico que essa realidade se espalhava por outras regiões, o punk sempre esteve ligado a uma busca por autonomia intelectual, por um autodidatismo e por uma relação de “ensino e aprendizagem” coletivos e antihierarquicos.

17.

Refletindo sobre o passado, não há como deixar de pensar no presente. Esses recuos e comparações são importantes instrumentos para nos fortalecer enquanto grupo e indivíduos, e para nos armar contra as narrativas deturpadas sobre nós punks, nosso passado e nosso presente.

18.

Nas conexões críticas entre passado e o presente, nos vêm à cabeça como as condições concretas de nossas relações sociais e culturais foram alteradas com o passar dos anos, e, como isto afetou e promoveu mudanças em nossa cultura por mais que não se queira reconhecer ou aceitar. Na década de 1990, havia uma negação do CD como suporte possível para as músicas punks. Era um ato de resistência e de negação do mercado musical, no passado, a utilização de fitas cassetes como “Demo Tapes” que eram produzidas com gravadores caseiros registrando os ensaios das bandas. Hoje em dia, passados quase duas décadas, mesmo os que negam qualquer vestígio de mudança na cultura punk, não estão alheios às novas tecnologias, e, consequentemente, não estão protegidos contra seus impactos. Muitos ouvem os “clássicos” da música punk em sites como o youtube, além de se comunicarem pelo WhatsApp e terem acesso à várias informações pelo facebook. A arqueologia, em muitas pesquisas, provou que mesmo as culturas geograficamente, e extremamente isoladas, sofreram mudanças com o passar dos anos através dos poucos contatos que acabavam ocorrendo, e desenvolveram novas estratégias de sobrevivência e novas práticas culturais. Neste sentido, não havia com ser diferente com a cultura punk, ligada a um contexto urbano, industrial, e, agora, altamente conectado às redes sociais criadas pela internet. Por isso, o punk hoje também circula por estes novos ambientes, e, em muitas hipóteses, pode usar este território não só como meio de comunicação, mas principalmente como uma das várias estratégias de resistência cultural e política. No youtube, ao mesmo tempo em que temos acesso “gratuitamente” a vários filmes, vídeos e músicas, somos bombardeados com várias propagandas de um estilo de vida consumista, individualista e voltado para o acúmulo de capital. Entretanto, este mesmo youtube nos apresenta um espaço possível para divulgar conteúdos anarquistas, niilistas, de luta contra as opressões e até mesmo anar-punks. Um bom exemplo disso é o documentário produzido por

Marina Knup “**Viver Para Lutar – Punk, Anarquismo e Feminismo: As Minas dos Anos 90**”, que apresenta a importante presença das mulheres no anarquismo e no anarcopunk no Brasil. Nesse momento de pandemia do coronavírus, o Instagram também vem sendo utilizado para a apresentação de “Lives” nas quais os punks destacam suas vivências e visões no punk.

19.

A ruptura ocorrida na cultura punk em 1995, no MAP/RJ, não deixa de ser uma das possíveis reflexões sobre a dinâmica plural e de mudança presente em qualquer cultura. Não vamos falar sobre os outros estados, mas sim, de Belém do Pará. Aqui a ruptura exerceu sua influência, fato que mostra o quanto os punks de Belém mantinham profundos contatos com as cenas punks de outros lugares. Houve, neste período, um racha no MAP/PA e, de certa forma, desarticulou algumas relações culturais e mobilizações de luta. Isso enfraqueceu, através da divisão, a articulação entre os punks, e muitos, com o tempo, começaram a se dispersar e/ou a atuarem de forma isolada. Só que, independente disso, a cultura punk continuou existindo, e, na medida do possível, os diálogos entre as duas correntes de pensamento no punk seguiram. Os punks HC formaram um grupo reduzido, porém, forte e coerente. As divergências entre niilistas e anarquistas se fizeram presentes, só que não chegaram até as brigas físicas, ou seja, permaneceram no campo das ideias. Nosso distanciamento geográfico nos permitiu ter conhecimento sobre os conflitos que ocorriam em outras regiões, no entanto, também nos permitiu ter autonomia frente aos conflitos. Assim sendo, nossas características próprias também nos permitiram o diálogo e, na medida do possível, um convívio respeitoso apesar das diferenças. Devido a isso, quando elaboramos o “Encontro Punk Amazônia em Kaos”, levamos em consideração as diferenças entre punks HC e anarcopunks, porém, desenvolvemos o objetivo de pensar nossa trajetória histórica enquanto

punks e o de pensar as dicotomias existentes na cultura punk. Com o tempo, o diálogo entre punks niilistas e anarcopunks foi proposto. Temos forte inclinação a acreditar que este encontro representou um marco depois de quase 25 anos para nossa história. Propusemos diálogos, e, na medida do possível, eles ocorreram. Sabemos que isso não é um fim dos conflitos, mas pelo menos uma tentativa de criar pontes viáveis entre punks.

20.

A história não existe como uma mera alegoria de fatos perdidos num pretérito tempo distante e sem importância. A história é necessária justamente por ser uma ferramenta intelectual imprescindível para que possamos ler criticamente nossa trajetória, os vários contextos espalhados por todo o Brasil e para compreendermos a complexidade de nossas relações concretas do passado e do presente. Sem a história como ferramenta analítica de crítica e autocrítica, não aprendemos com nossos erros e acertos do passado, assim como, corremos o risco de não entender historicamente, filosófica, política e antropológicamente a complexidade dos conceitos que estão por trás de bandeiras políticas que repudiamos e lutamos para destruir, como: nazismo, fascismo, racismo, machismo, LGBTQIA+fobia e outras tantas atrocidades. Explicitamos que não se pretende, com nossas palavras, ditar regras. Entendemos e respeitamos a visão de punks que pensam de forma contrária, e que, talvez, neguem a importância de uma narrativa histórica mesmo que escrita pelos próprios punks. Apenas trazemos nossas reflexões, argumentos e levantamos possíveis resultados de quando se toma a escrita da história como uma ferramenta política de resistência e combate de ideias. A Guerrilha Cultural anarcocrítica punk se inscreve na dimensão do combate de ideias como um agente do caos atuando antihierarquicamente dentro e fora das instituições de ensino e pesquisa. Desta forma, seus disparos de liberdade são conhecimentos produzidos frente aos elementos normatizadores das fronteiras disciplinares.

Não que a academia não produza conhecimento científico e filosófico válidos, mas é que o punk é um ato de liberdade, de criação e resistência. Sabemos que pesquisas acadêmicas, feitas por pessoas fora do movimento e da cultura punk são impossíveis de evitar, visto que o punk é um fenômeno social e cultural. Por isso, é imprescindível que nossas narrativas anarcohistóricas e insubordinadas se façam presente em todos os espaços possíveis. Do combate de nossa guerrilha cultural, surge o disparo: A TRANSGRESSÃO ANARCOHISTÓRICA!

21.

Após os primeiros impactos da ruptura em Belém, os grupos punks começaram a se reorganizar com novos e velhos contatos, tendo em vista as suas novas perspectivas filosóficas dentro de nossa cultura. Este foi o período em que o anarcopunk em Belém teve um novo gás com o surgimento de duas bandas anarcopunks e novas tentativas de rearticulação do MAP/PA, segundo relata o anarcopunk Cosme Luiz. Embora outros punks tenham entrado nesta empreitada, destaca-se a atuação de Cosme Luiz e de André Bizzaro, porque em neste período, mais especificamente em 1999, ambos desenvolveram dois projetos de bandas anarcopunks que renovaram o cenário em Belém. Uma chamada Sem Deus Nem Pátria e a outra intitulada Sacco & Vanzette (homenagem aos dois anarquistas italianos que foram presos e condenados nos Estados Unidos em 1927).

22.

Nas manifestações de 2013, a violência repressiva do Estado contra as pulsões da revolta popular espontânea, contou com a resistência também da cultura punk pelas ruas de Belém. Com o passar dos anos, infelizmente o oportunismo da direita conseguiu manipular a frágil consciência de classe da população. A direita brasileira principalmente encontrou na falta de crítica história e política da maior parte da população, um terreno fértil para se proliferar. Porém, os punks de Belém não fugiram da luta e revidaram contra a violência do estado. Punks e anarquistas se juntaram no período, e, assim, imprimimos nas manifestações a marca de nossas lutas.



Faixa feita por punks e anarquistas. Ela foi amarrada na fachada do prédio da prefeitura de Belém.

23.

Produzir um evento punk, em Belém, foi um desafio, tanto por nosso número reduzido de organizadores, quanto por questões financeiras, distanciamento geográfico e por informações desencontradas disseminando, assim, desinformações sobre o evento, suas propostas e sobre a presença da cultura punk na capital do Pará. Muitos dos punks que ajudaram a pensar a programação, contribuíram com apoio financeiro e com críticas construtivas, acabaram não conseguindo vir devido aos altos custos da viagem para a região no período do final do ano. No entanto, os contatos ocorreram também por cartas, algumas lidas nos debates, e em trocas de mensagens por celular. A vontade de construir e participar do evento rompeu fronteiras, e se fez presente. E foi assim, enfrentando os empecilhos e resistindo em prol de nossa cultura que cumprimos nosso cronograma, debatemos nossas pautas e chegamos a determinadas conclusões acerca dos princípios norteadores do punk e nossa busca por diálogos possíveis, respeitando as diferenças no intuito de combater o avanço fascista no Brasil e todas as merdas que ganharam mais força e espaço com o bolsonarismo no poder. Neste sentido, o “Encontro Punk Amazônia em Kaos” foi pensado levando em consideração que constantemente precisamos pensar os processos de criação e recriação de nossa cultura, principalmente para combatermos distorções e deturpações de nossos princípios, de nossas lutas, identidades e de nossa história. Não dá para acreditarmos que viver isolados, é resistir e lutar por uma cultura punk viva e ativa. Acredito que alguns punks podem pensar diferente, afinal, há pluralismo de ideias. Porém, por uma questão numérica e lógica, o isolamento se encaminha para um desaparecimento progressivo e gradual. É como Johnnysio HC Nihil escreveu no zine “Incisivo: cortando a própria carne”: *“O punk como movimento para existir precisa das novas gerações, sem ela o movimento morre. Não é questão de ficar caçando punks novos nas ruas, é uma questão de mostrar a cara e sobreviver como movimento de cultura e anti-sistema. Muitos se veem (embora não assumam isto) como verdadeiros*

arautos do saber punk e esquecem da simplicidade que quando entraram no punk tinham”. Em nossa perspectiva, enquanto punks e enquanto integrantes de uma cultura urbana que pulsa por fôlego e vida, não podemos achar que somos os únicos punks possíveis. Existem várias vertentes de punks, e o importante é sermos punks em nossas ideias e atitudes, ou seja: lutarmos contra todos os tipos de opressão e sem deturpar nossa cultura. O punk se faz através do diálogo com outros punks, num processo de construção coletivo, e, principalmente, o punk se faz nas ruas, imprimindo na paisagem da cidade a nossa revolta, a nossa liberdade e a nossa (re)existência.

24.

Desde o final de 2017 e começo de 2018, a cultura punk em Belém vem ganhando mais articulações e desenvolvendo ações diretas com a formação de um grupo composto por anarcopunks e niilistas. Durante esse período temos feito exposições de zines punks e anarquistas, desenvolvido intervenções urbanas (colagens de panfletos) e estamos retomando manifestações autônomas feitas só por punks, e, no máximo, simpatizantes.



Exposição de zines na Universidade Federal do Pará e manifestação contra o ex-presidente Michel Temer.



Manifestação contra o militarismo, realizada em 7 de setembro de 2018.

Em 7 de setembro de 2018, retomando a luta punk antimilitarista, assim como na década de 1990, estávamos nas ruas. Fizemos uma manifestação com cartazes e panfletagem atacando o militarismo, desconstruindo a falácia da “independência” fardada e apresentando nossa história de luta e resistência da região com panfletos sobre a Revolução Cabana.

25.

No evento punk que organizamos, houve um momento, no último dia, que contou com um role pelo Centro Histórico da Cidade. Chamado de Roteiro Punk Cabano, o passeio teve o objetivo de apresentar a narrativa da história da Revolução Cabana para além dos discursos que simplificam o potencial revolucionário de uma das mais intensas revoltas populares da América Latina: a revolta que matou o governador Lobo de Souza e colocou o povo cabano no poder. Talvez para alguns que observam de fora e não compreendem a importância de nossa garra em construir um evento punk com poucos organizadores e poucos recursos, não dá para ver a dimensão do que foi o “Encontro Punk Amazônia em Kaos”. Porém, para nós de Belém do Pará que já estamos vindo de pelo menos dois anos de rearticulações e fortalecimento da cultura punk na região, foi um suspiro de vida, uma pulsação de luta, um grito de resistência.

26.

O último disparo deste texto:

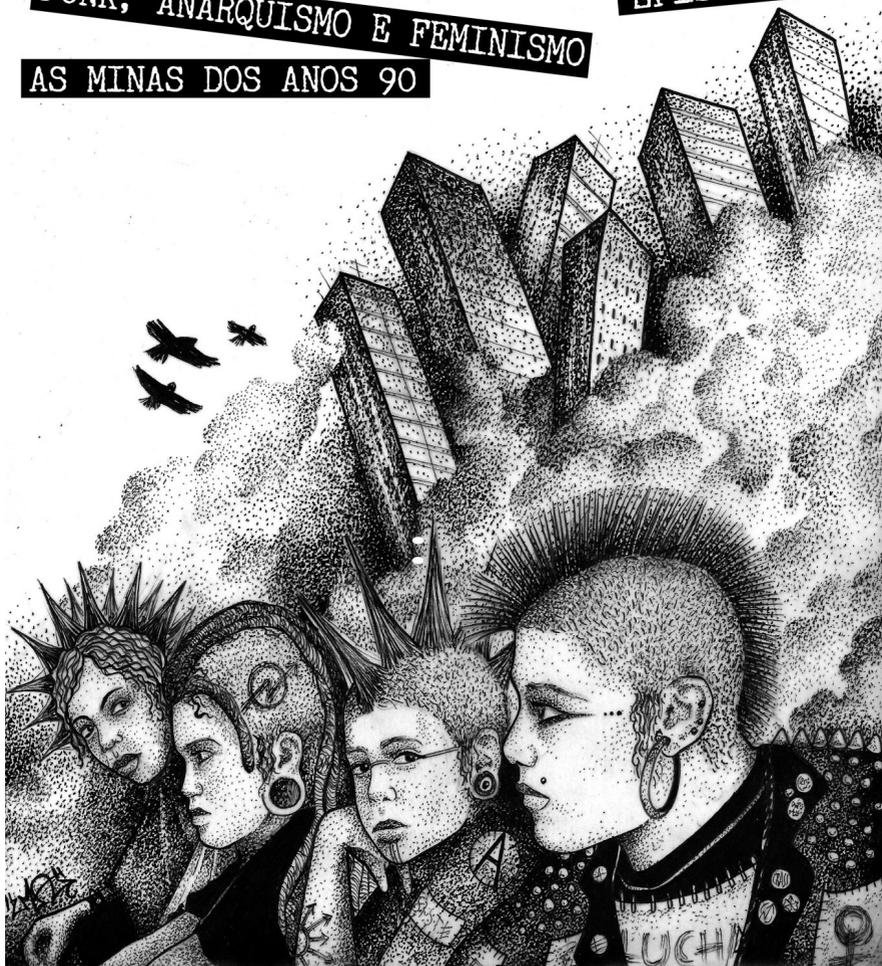
A CULTURA PUNK EM BELÉM VIVE!

VIVER PARA LUTAR

PUNK, ANARQUISMO E FEMINISMO

EPISODIO 1

AS MINAS DOS ANOS 90



VIVER PARA LUTAR:

Que nossas histórias sejam contadas por nós mesmxs!

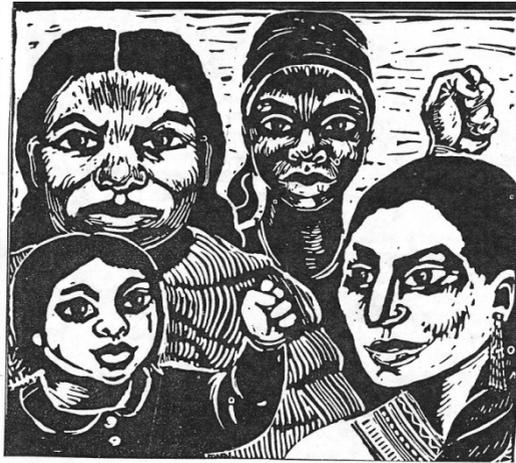
Marina Knup *



* marina.knup@riseup.net
(Anarco-Filmes // Editora Anarcopunk Imprensa Marginal)

Por volta de 2007 surge o projeto que viria a ser a **Anarco-Filmes**, uma iniciativa anarcopunk com a proposta de criar documentários e produções audiovisuais faça-você-mesma de modo autogestivo, horizontal e autodidata, longe dos ditames da academia, da indústria cinematográfica e midiática e todos os seus padrões. Assim como os zines, publicações, bandas e tantos outros modos de expressar e comunicar nossas ideias dentro do punk/anarquismo, a câmera seria mais uma ferramenta em nossas lutas, com muitas possibilidades, funções e modos de usar. A linguagem audiovisual tem muitas potências, seja de gerar reflexões e debates coletivos, difundir nossas propostas e visões de mundo, romper com o monopólio midiático de informação criando nossos próprios meios de comunicação, pode ser usado em ações de rua de modo estratégico, e há ainda um sem fim de possibilidades conforme os contextos e necessidades de nossas lutas.

Uma dessas possibilidades é a que me motiva muito: a de **contarmos nossas histórias e experiências por nós mesmxs**. Em uma sociedade profundamente marcada pelo colonialismo que sofremos nessa parte do mundo, onde a história oficial é sempre imposta pelos “vencedores”, as narrativas históricas estão sempre de acordo com as mesmas lógicas de esquecimento, distorção, mentira e negação de nossas identidades e vivências. Nesse contexto, retomar o poder sobre nossas narrativas, nossa história e todas as experiências que construímos é fundamental. Que rompamos o esquecimento histórico, o espetáculo midiático, a manipulação de nossas vozes, e possamos retomar e difundir nossa história por nós mesmxs. Como dizem alguns companheiros de Veracruz/México, **“A nossa luta não é um espetáculo! Pela autogestão de nossa história!”** Sim, nossa história deve ser autogerida! E que para isso usemos de nossas palavras escritas em publicações, livros, zines; de nossas palavras faladas em trocas de ideia, palestras, músicas, gritos; de nossos desenhos, artes, expressões, performances e... que também nos apropriemos das câmeras e do cinema, criando nosso audiovisual punk, anárquico e livre.



Assim, ainda em 2007 surge a proposta de fazer um documentário sobre a história da movida anarcopunk no Brasil, com foco principal nos anos 90. Uma história já longa, cheia de experiências que muitas vezes iam se perdendo com o tempo, os afastamentos de companheirxs, o esquecimento histórico. Alguns companheiros e companheiras desde sempre seguiram realizando palestras sobre as origens históricas e a movida anarcopunk em encontros e atividades, ou mesmo escrevendo sobre essa história em panfletos, livros e zines. Mas era importante para nós registrar também tudo isso em vídeo, para que tivéssemos um material audiovisual sobre anarcopunk contado por anarcopunks e realizado por anarcopunks. Se não sejamos nós mesmxs, que fazemos do punk nossas vidas e que temos uma visão completa do que significa em nível individual e coletivo, quem mais poderá falar? Quem mais poderá comunicar o que pensamos, criamos e vivemos de um modo que nos seja satisfatório senão nós mesmxs? Não mais imprensa e mídia, não mais academia, somente nossas vozes e olhares. Já nessa época algumas primeiras entrevistas são feitas, ainda sem um direcionamento muito certo de onde isso iria dar.



Com o passar dos anos e a análise dos documentários sobre punk que temos no Brasil, alguns pontos foram se firmando dentro desse projeto. Uma grande parte dos documentários sobre punk se centra unicamente em questões musicais e estéticas, deixando em segundo plano todos os outros aspectos que são igualmente importantes de nossa cultura. Isso se torna algo óbvio quando se percebe que parte considerável dessas produções é sempre feita pela indústria musical, pela academia ou pela grande mídia, todos com seus próprios interesses políticos/comerciais e visões, todos bem distantes de nossas realidades. Dentro disso, como já sabemos, os aspectos mais facilmente comercializáveis do punk sempre foram a estética e a música, e portanto nada mais natural que sejam os únicos aspectos abordados em tais documentários.



Ao mesmo tempo, esses documentários quase sempre se focam na região sudeste do país e suas grandes metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro. E assim pouco se fala sobre as cenas punks do norte/nordeste por exemplo, que sempre foram muito ativas e cheias de experiências interessantes. Era importante pensar em algo em que estivessem presentes as distintas vozes e realidades punks desse grande território dominado pelo Estado brasileiro. Que não falasse somente a partir de uma única realidade como algo homogêneo, para que fosse possível vislumbrar toda a heterogeneidade e diversidade de experiências que fomos construindo nessas décadas.

Também há uma questão de gênero muito presente: a presença de mulheres punks nesses documentários é sempre ínfima. Uma ou duas mulheres falando em meio a dezenas de caras, como se não estivessem ali ou não existissem – e sim, sempre estivemos! Era necessário que esse ponto fosse problematizado e que estivéssemos presentes com nossas vozes.

Também se fazia importante não tratar nossa história com um tom nostálgico, como um objeto envolto em uma redoma de cristal que olhamos como um passado perfeito que temos que repetir. Pensar a história como algo dinâmico, com seus erros e acertos, com autocrítica, e que isso também nos ajude a pensar nossos presentes e aonde chegamos. Resgatar nossas memórias, mas buscando sempre novas respostas aos novos contextos que vivemos atualmente nas lutas.



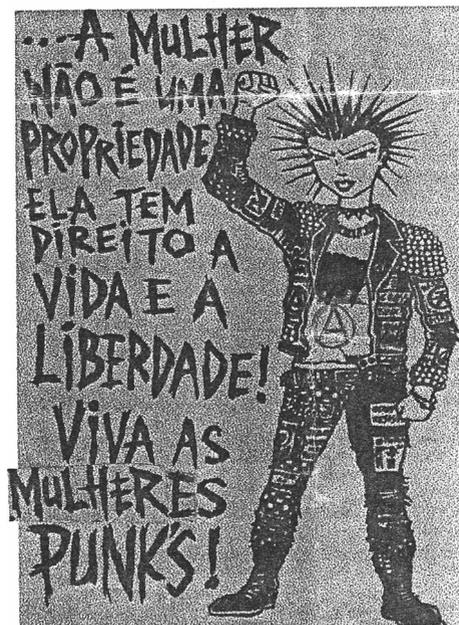
Pensando o projeto de forma crítica com esses e outros pontos, as coisas foram pouco a pouco tomando forma. Foram 12 anos tortuosos para que o primeiro episódio estivesse pronto, tudo com seu tempo e buscando fazer algo massa.

Viajar pelo Brasil é algo caro e muitas vezes difícil, e por isso nos primeiros anos foram feitas poucas entrevistas quando alguém de outras cidades passava por São Paulo e aproveitávamos para filmar. Os anos foram passando e a necessidade de que isso se concluísse foi ficando maior. Já há alguns anos havia percebido que era possível viajar tatuando, e assim ir me financiando para que pudesse seguir a outros lugares. E foi assim que pude passar por muitas cidades do Brasil nos últimos anos, entrevistando compas que estiveram presentes na década de 90 em coletivos, bandas, zines e movidas anarcopunks. Também foram feitas entrevistas na Espanha, Alemanha, Inglaterra e Finlândia, com compas que há anos foram viver nesses países. Pouco a pouco se foi reunindo fotografias e filmagens de época, zines, cartazes e materiais que se pudesse incluir no documentário, e uma pesquisa nos zines para ir relembrando anos, dados e fatos que nem sempre a memória permite lembrar.

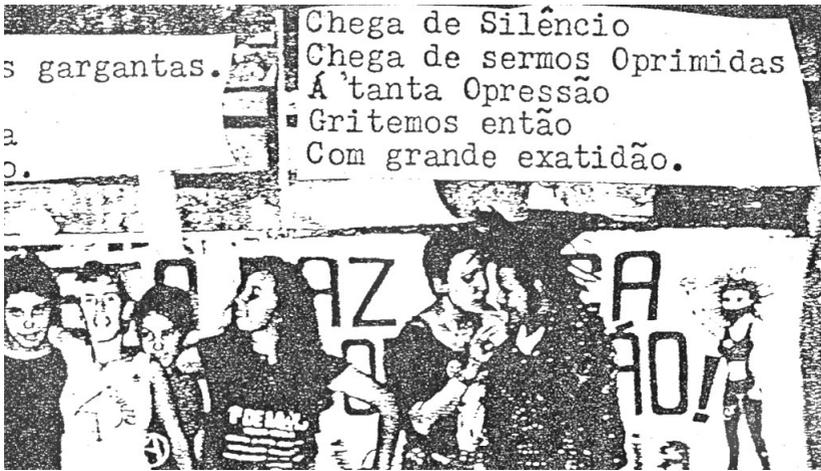
E foi com o apoio de toda a rede anarcopunk que a coisa funcionou: seja com apoio com lugar para ficar, contatos, ideias, materiais e tantos outros modos de apoiar no dia a dia dos corres que foram fundamentais para que esse projeto se realizasse. Por fim foram feitas cerca de 110 entrevistas, muitas delas com 2 ou 3 horas de duração, onde compas relatavam suas histórias, experiências individuais e coletivas, suas vidas que se fundem com o punk. E com todo esse material em mãos se tornou visível que seria impossível realizar um único documentário – ou seria algo demasiado longo para que se pudesse tocar em todos os temas, ou então algo muito superficial. Daí surge a ideia de fazer não mais um único documentário, e sim uma série dividida em 5 episódios com temas distintos, onde se pudesse ir aprofundando um pouco mais cada tema.



O primeiro episódio de **Viver Para Lutar** fica pronto em abril de 2019. **Punk, anarquismo e feminismo: As minas dos anos 90**, contando um pouco sobre a formação dos primeiros coletivos anarcofeministas dentro da cena, zines, bandas, redes, projetos. Como era ser uma mina punk naquela época, qual o contexto que fez com que surgisse a urgência de debater sobre machismo e questionar todas as relações patriarcais dentro e fora da cena, e como essa discussão foi se modificando e aprofundando com o passar dos anos. Também participam do documentário algumas garotas punks e anarquistas que não estiveram diretamente ligadas à movida anarcopunk no período, mas que como mulheres punks tiveram experiências interessantes dentro da questão punk feminista e que ajudaram a construir essa história. O próximo episódio a ser lançado vai se focar no surgimento da movida anarcopunk em fins dos anos 80 e começo dos 90, como vai se dando a aproximação entre punk e anarquismo de uma forma mais concreta, e as experiências que vão surgindo a partir daí. E desse compilado de histórias e memórias outros episódios e projetos virão.



A princípio a proposta foi não disponibilizar o documentário na internet logo de cara, primeiro tentando gerar espaços de projeção e discussão coletiva para mais adiante compartilhá-lo online. Em uma realidade onde a internet cada vez mais nos isola em nossas casas, é essencial pensar no uso que damos a ela e em como mantemos nossas relações com as pessoas e o mundo. Em esse sentido, que não só assistamos ao filme, mas depois dele possamos olharmos olhos nos olhos, compartilhar nossas próprias experiências e vivências que vão além do que se comunica no documentário que se vê, trocar realidades e refletir coletivamente sobre nossas lutas, nossas práticas, nossas relações. Que o audiovisual possa também gerar momentos coletivos que nos fortaleçam enquanto comunidade e que potencializem nossos debates. A partir dessa proposta, surge a ideia de fazer uma tour com o filme pela América Latina, para poder compartilhar nossas experiências em outras localidades e também trocar realidades e práticas de luta com compas que têm uma realidade social muito parecida com a nossa.



Viver Para Lutar foi fruto dessa rede anarcopunk que costuramos sem fronteiras, e para apresentar esse primeiro episódio mais uma vez mergulhei nessa mesma rede: em abril começam as apresentações do documentário em várias cidades do Brasil em que pude passar organizando coletivamente as mostras com compas de cada localidade, realizando debates com participação de manas que participam do doc, presença de compas de coletivos feministas, punx, anarquistas. E do Brasil fui descendo, primeiro ao Uruguay, depois Argentina, e então Paraguay, Bolivia, Peru, Ecuador, Colombia, Costa Rica e México em um período de quase 1 ano.

Passando por distintas realidades dessa América Latina de lutas e sangue, em um ano cheio de mobilizações nas ruas e muito fogo. Levar o documentário a todos esses lugares gerou muitas trocas de realidades, muito contato com coletivas anarcafeministas/punx/anarquistas, projetos conjuntos, conspiração e surgimento de novas iniciativas. Foi sair um pouco das já costumeiras tours de bandas, que recebem apoio na cena para poder circular, para costurar uma tour focada não em música, mas em mostras de filme e debates que pudesse fortalecer também nossos laços com compas de todo o continente e gerar intercâmbios.

Pensando não somente na questão histórica, o documentário é também um convite para que se reflita sobre todas as dinâmicas machistas que seguem existindo em nossos coletivos, organizações, cenas, e na sociedade como um todo. Para além de nossos discursos, como estão hoje em dia nossas relações coletivas? Nossas assembléias, debates, espaços de diálogo e convivência? Como estão nossas práticas diárias, nossos relacionamentos? Refletimos sobre os privilégios de gênero, sexualidade, raça, classe, geração, etc. que mesmo que neguemos seguem existindo socialmente? O quanto seguimos reproduzindo de machismo, lesbo-homo-transfobia, racismo? Desde um ponto de vista anarquista, como seguir destruindo essas estruturas sem cair no reformismo e nas políticas impostas pelas agendas do Estado e do capital?



Se as companheiras que falam no filme tornam explícitas as tantas formas de machismo que sofriam naquela época, salta aos olhos que muitas dessas práticas sigam exatamente iguais até hoje em nossas relações. E isso foi comentado nos debates por muitas companheiras de toda América Latina, sejam aquelas que viveram os anos 80, 90, 2000, sejam elas punks, anarcopunks, anarquistas, ou do metal, hip hop, estudantes, compas de outros movimentos sociais, de cenas subterrâneas ou de nenhuma movida. Quase todas as trocas de ideia após o filme partiam de muita identificação das mulheres presentes com as questões abordadas pelas companheiras. Diziam sempre o quão similar foram e são suas vivências, e o quanto essa realidade gerou experiências de luta que seguiram para o mesmo sentido.

Neste território dominado pelo Estado brasileiro seguem crescentes os casos de feminicídios, estupros, assédios e abusos, lesbofobia, com números e estatísticas assustadoras. A violência contra a mulher se mescla também com o profundo racismo que historicamente vivemos, o que torna mulheres negras e periféricas alvo ainda maior dessa violência. Há ainda toda a problemática envolvendo a ilegalidade do aborto, a transfobia que faz deste país aquele que mais mata pessoas trans em todo o mundo, o incentivo explícito do governo Bolsonaro à violência contra a mulher, à negação das discussões de gênero, o anti-feminismo e ativismo anti-aborto. Em todo esse quadro a lógica patriarcal segue a mesma socialmente, e seguimos reproduzindo muito disso em nossas movidas. Cada vez mais frequentes são as denúncias por abusos, estupros, violências psicológicas, etc. dentro da cena, e segue urgente e importante que se destruam essas lógicas para que não aconteçam mais e possamos gerar espaços baseados em respeito e liberdade.



Que as manas punks e todxs sigam lutando para fortalecer nossos espaços. A história relatada no documentário se gestou nos anos 90 e foi abrindo discussões que tiveram grande influência em tudo o que se construiu nesse sentido até os dias de hoje, gerando frutos inegáveis. O espaço que temos foi conquistado por nós mesmas, ninguém nos deu, ninguém dos presenteou: é fruto de luta, persistência e esforço de todas essas companheiras que merecem todo o nosso reconhecimento. E fruto do suor de tantas outras compas que seguem até hoje sem dar um passo atrás na luta contra essa sociedade hetero-patriarcal! Que sigamos lutando, que possamos olharmos nos olhos e conspirar, criar, costurar nossas redes, romper, construir, destruir, mudar, viver.

Viva as mulheres punks!

Viva o punk anarquista subversivo e coerente!

Dados do documentário e sinopse:

VIVER PARA LUTAR – Episódio 1

Punk, Anarquismo e Feminismo: As Minas dos anos 90

(dir. Marina Knup / Anarcofilmes Produções | 2019 | 85min)

Parte de uma série de documentários sobre a cena anarcopunk no Brasil nos anos 90, o primeiro episódio retoma a importante ligação entre punk, anarquismo e feminismo que floresceu naquele período. Questionando todo o contexto social em que viviam, as mulheres punks criaram coletivos, zines, bandas, redes, encontros anarcofeministas e projetos que trouxeram a tona as urgências do feminismo não só dentro das movimentações punks e anarquistas, mas para suas próprias vidas. Por meio das memórias de mulheres que viveram esta história, tanto na movimentação anarcopunk quanto em outros contextos punks da época, reúne algumas dessas inúmeras experiências de luta.

Relato do Encontro Punk Amazônia em Kaos 2019

Johnny hardcore nihil

Quando propuseram fazer um relato sobre as experiências vividas por quem esteve no encontro apresentando seus livros e materiais, achei bem válido a ideia e pensei o que poderia colocar nesse relato de viagem e vivência punk? E quais experiências puder ter nessa viagem que seria interessante expor para o possível leitor? Pensei que tudo tem sua preparação e muitas vezes as viagens começam mesmo antes de começar o deslocamento pelo território. Este preparo também faz parte da vivência, porque envolvem sentimentos de ansiedade, apreensão e reflexões dos mais variados tipos que todos estamos envolvidos de algumas forma. Não sei nesse momento o que os outros vão escrever exatamente e na verdade acho bom não ter lido nada de ninguém ainda, embora estou também com muita vontade de ler o que os outros vão dizer. Pelo que sei estão nesse grupo além dos manos Belém Índio, Ivan e Jadson, o Valo Velho de SP, o Mauricio que hoje mora em Macapá, a Marina Knup que está num role divulgando o seu documentário. Então para facilitar o entendimento vou dividir minhas experiências em preparando a viagem, a viagem e reflexões sobre o futuro.

Preparando a viagem

Desde que foi decidido em Salvador que o próximo encontro punk seria em Belém foram muitas reflexões e expectativas sobre o que e como seria esse encontro, para mim que não conhecia ninguém da galera de Belém pessoalmente (obs: o Índio conhecia, mas não se lembrava dele), a necessidade de conhecer outras/outros punks foi e ainda é uma necessidade iminente. Porque sempre, ou quase sempre que dei um role conhecia pessoas diferentes e sempre aprendi algo diferente que pode ter sido bom ou não, mas que de alguma forma ou outra foi um aprendizado. Interessante também nesse encontro foi o fato de os punks de Belém terem outra rede de contatos independente dos punk hardcore da cena que faço parte, isso com certeza foi decisivo para que ele fosse diferente dos últimos encontros que rolaram ou que eu participei.

Eu não sabia se conseguiria ir porque pobre trabalhador fudido sempre vive o dilema, “se tenho grana, não tenho tempo e se tenho tempo, não tenho grana”, discussões a parte sobre autonomia. Esta é a minha realidade. Além disso tinha assumido o compromisso de lançar o livro sobre o NHC E OS ANOS 90, que também era uma necessidade iminente minha. E nisso me empenhei durante mais de 6 meses, entre correrias de trampo e família e punk escrevi sobre o que aconteceu, o que vivi naquela época. Já no mês de novembro as coisas começaram a ficar mais clara sobre a organização do evento, o local definido e a programação já praticamente completa foi mais uma instiga para que me esforçasse para ir nesse role, mesmo assim não consegui participar de todo evento infelizmente. Mas com certeza valeu o role. Fui de ônibus de Goiânia para Belém foram 38 horas muito cansativas, nem sabia mais que posição ficava. Dores musculares a parte estas viagens de buzu longas mostram uma realidade que viagem nenhuma de avião pode oferecer. De noite quase nada se vê, até porque eu dormi mesmo. Porém o dia mostra como se estruturam a realidade do ser humano no sistema capitalista brasileiro, e como a natureza fica mais exuberante com o período chuvoso no cerrado goiano e tocantinense,

e no Pará a floresta amazônica das suas bem-vindas. Passamos (porque não estava só no buzão) por várias cidades no Tocantins, todas margeando a BR 153(Belém Brasília), e todas ligadas fortemente ao agronegócio, a soja, ao gado, a cana-de-açúcar e em muitas empresas de grande porte e/ou multinacionais exploradoras que fazem seu papel “desenvolvimentista” nas cidades, levando emprego, desigualdade, injetando dinheiro na economia devastando imensas áreas de cerrado em nome do lucro. Desde que no governo Dilma se instituiu o matopiba (região exclusiva para o agronegócio que significa maranhão Tocantins Piauí e Bahia) esta região sofreu uma intensificação de investimento dessas empresas que está colocando populações de nativos, quilombolas e indígenas etc em geral em situação de risco, além é claro de poluir e destruir regiões imensas do cerrado tocantinense. O que isso tem haver com o encontro punk Amazônia em kaos? Em tempos da mídia estar dando muito ibope para Amazônia (que também sofre muito com a ganância dos capitalistas), o cerrado ficou bastante esquecido porque não era a bola da vez na disputa pelo poder estatal. Não serviria de arma nem para esquerda, nem para o centro e nem para direita naquele momento.

Ao entrar no Pará a mudança da vegetação é bem latente, mas a construção a beira da rodovia continua como uma dinâmica comum a construção das pequenas, medias ou grandes cidades, interesse do capital em minério é bem profundo nessa região amazônica muito rica de muitos tipos de minerais.

Soube da presença do Valo Velho e Mauricio no encontro com lançamento de seus livros, estava muito animado com toda programação do encontro.

O encontro

Chegando na rodoviária de Belém entrei em contato com a galera que fez um bonde e me buscou. Já saímos num role fomos na feira do Ver-o-Peso para encontrar o resto do pessoal, o que não deu certo e depois fomos para Praça da República encontrar o pessoal o que não deu certo. Nesse dia já estava rolando o role punk cabano que naquele momento não rolou de fazer. Mas de todo jeito foi muito massa ver toda a galera naquele momento, conhecer Ivan, Jadson, Jairo e Marcelinho rever o mano Eric e Índio. Saímos depois pro role para pegar a bateria e depois irmos pro espaço aonde acontecia o evento, melhor dizendo parte do evento, já que dois dias já haviam rolado. De periferia a periferia de cada cidade você encontra particularidades, mas também encontra muitas similaridades, não só nas pessoas, mas nas construções, nas relações, nas violências, nas resistências e nas alegrias também.

Porque a dialética do caos das periferias não envolve só histórias tristes, há muita energia e alegria nos guetos, favelas do Brasil e do mundo. Chegando no instituto Bianca e Adrielle conheci o Mauricio que tocava na Cuspe culpados unicamente por serem pobre e enjeitados, ich ouvi demais!! Revi o Valo Velho depois de quase 30 anos, muitos role em SP nos anos 90. Conheci o casal que tomava conta do espaço a dona Ivanice e o senhor Jorge um lugar aonde a tragédia foi energia para construir uma forma de amenizar o sofrimento e as dificuldades das crianças da comunidade. Não pude e nem tive tempo de conhecer o trabalho do instituto, profundamente pelo menos. Mas nesses casos as similaridades são mais claras. Pessoas periféricas que lutam com outras armas contra a violência são discriminadas por sua cor ou sua classe social. Nada de novo na realidade capitalista. Tinha também a Wanda, uma menina nova que participa do instituto como professora e participou do evento pelo menos enquanto eu estava lá. Depois apareceram mais algumas pessoas que não sei o nome, amigxs do Índio ou da própria comunidade, ah é claro a filha do Índio Dominique (Bartira) que é uma menina muito inteligente e bonita e participou

ativamente em todos roles. Peço uma pequena licença pro Mauricio aqui, pensando na Domenique, como não encarar o punk como um processo educativo e formativo do individuo? Não li o livro dele ainda, mas estamos em buscas de respostas e perguntas.

Neste mesmo dia após algumas trocas de ideias, bate papos descontraídos iria iniciar-se o evento com o documentário da Marina Knup **“Viver Para Lutar – Punk, Anarquismo e Feminismo: As Minas dos Anos 90”**, porém devido a um problema técnico não houve oportunidade de rolar, foi um lamento, embora pra mim nem tanto porque semanas antes rolou o subcine em Goiânia e rolou este documentário. Após isto eu iniciei a minha apresentação sobre o livro, num diríamos públicos nada homogêneo, porque ali estavam punks hardcores pessimistas, anarco punks e uma variedade de pessoas que nem sabia o que era NHC e muitos menos sobre sua possível história. Fiz questão primeiro de deixar claro o objetivo (que está no livro) desta escrita, o NHC nos ANOS 90 representou uma ruptura na cena punk no Brasil e que tomou rumos que nós mesmos antes e agora bem depois não desejaríamos, não porque nossas críticas não eram validas, por isso não. Muitas criticas ainda são válidas. Mas elas acabaram tomando um rumo que eu particularmente não gostei. Mas era necessário mostrar um outro lado da história, que infelizmente na época não nos dedicamos a isso. Em termos de história punk anos 90, ali estavam Valo Velho de SP e Mauricio que não sei morava em Natal ou João Pessoa, mas fazia parte da cena do nordeste dessa época. Também tinha a galera da Belém que também tem sua caminhada próxima aos anos 90, mas que de certa forma ficariam ilesos a estes conflitos. Marcelinho e Eric que também participaram de algumas partes destes conflitos. Nunca esperei unanimidade quando escrevi o NHC e os ANOS 90, na verdade escrito nenhum, nem esse agora. Porém busco um nível de coerência no que penso e vivi ou vivo. Sei que os estragos que em muito estão ficando no passado poderiam ser evitados, mas já aconteceram e o passado não tem mais volta. Ninguém aqui quer apagar o passado, ninguém aqui quer se colocar como vítima ou algoz,

ninguém aqui quer culpar unicamente ninguém sobre o que aconteceu. Foram muitos fatores em que pesa a própria humanidade do punk, em que pesa a própria dificuldade do ser humano aceitar o diferente, mas que em um dado momento sofreu uma influência de quem mentiu sobre a nossa realidade, e isto tem um peso na história muito grande. A mentira gera mortes, guerras, e bombas nucleares (que não foi o caso é claro).

Os conflitos que se deram em Salvador e João Pessoa nessa década não foram o meu foco, nem na escrita e nem na fala. Nem estou aqui para questionar a postular de militante de nenhum movimento. E escrevi sobre isso com foco no ser humano, estou quilometricamente longe de ser perfeito. Mas vi e vejo muitos autointitulados punks que fazem muitas coisas alimentadas pela inveja ou por qualquer um motivo egocêntrico, talvez para ser um cara de destaque, por um rancor qualquer, isso nem Freud explica. Mas minha apresentação não tinha este foco, nunca fui anti anarco punk ou mesmo contra o movimento anarco punk, sempre fui e sou até hoje crítico a certas posturas que não concordo, agora se não puder expor minhas críticas que movimento estou? Mas foi muito bom, pelo menos para mim, estar naquele momento debatendo sobre esta história com pessoa que em tese estavam do “outro lado”, embora nunca tenha visto dessa forma, quem ler o livro vai perceber isso.

Houve a participação da Wanda que falou bastante sobre suas convicções e opiniões sobre punk e anarquismo, suas experiências com o instituto, nada previsto para dizer a verdade, mas num encontro em que a voz feminina não se fazia presente enquanto punk pelo menos, seria absurdo cercear o seu direito de se expressar, nem é questão de concordar ou discordar sobre o que ela falou (nem vou expor isso agora), mas o importante é a pessoa poder expressar o que pensa e o que sente sem sentir censurada por isso.

Deve se deixar bem claro que estes conflitos não foram em todas as cidades no Brasil, muitos nem sentiram esses efeitos desse conflito, algumas realidades sentiram pouco e outras sentiram muito. Alimentado por ignorância, mentiras e preconceito e este encontro abriu um precedente

de diálogo (nem falo de união) entre partes, não para apagar o passado, mas para superar ele enquanto um estigma ou paradigma a ser quebrado. Só isso. Por enquanto. O que será daqui para frente não sei, que pode ter alguns anarco punk e hardcores que não pensam da mesma forma que eu nesse sentido, normal. Que não confiam nos hardcore niilistas e que alguns não gostem do anarquismo ou anarco punks é problemas deles não meu. Eu sou punk hardcore niilista, sou a favor do debate aberto de divergência na realidade punk e não quero perder meu tempo degladiando fisicamente com outros punks porque não concordo com eles. Agora nisto não se inclui street panqui, oi, e outros da mesma laia. Neles é pau mesmo. Se não gostar da expressão serei mais direto porra da neles. Porém o combate a estas distorções não se dá apenas por meio da força física, se dá pela informação e presença dos punks nas ruas desmitificando essas ideias escrotas de união de oi com punk. Foda-se

Depois do debate começamos a tirar um som de forma espontânea, cada um a sua forma, levando os sons das bandas que tocaram, que se identificam ou conhecem. Eu por sua vez toquei três sons de bandas que já toquei, Hecatombe nuclear, M.S.V e Anak Krakatau toquei os sons AI5, sobrevivemos e assassinos em série respectivamente. Todos de alguma forma expressão sua relação com a musicalidade punks, que não é em si o punk, mas, faz parte de sua expressividade e sua própria essência. Depois que terminamos de tocar os sons ficamos bebendo e conversando até de manha cedo eu, Eric e Índio.

No outro dia, o Mauricio já havia ido embora. Fomos no centro de Belém dá um role, porque na parte da tarde Eric, Marcelinho e Valo Velho iriam partir para suas casas. E foi o que aconteceu.

De punk de fora, fiquei só eu na cidade. Fizemos o role cabano depois que todos saíram. A história humana é cheia de batalhas, conflito por ganância e resistência e tudo mais.

Adendo às críticas ao livreto NHC e os anos 90

Quando escrevi este livro como já disse inúmeras vezes sabia que haveria muitas críticas, estranho se não houvesse, também não quis impor minha opinião, justamente por ser minha opinião sobre a história e a cultura punk, se pessoas discordam eu acho normal, se pessoas acham que não tem nada a ver, também acho normal. Se eu sonhasse (por que só nos mundos dos sonhos seria possível) em haver unanimidade sobre o que escrevi, seria um tolo e como dizem a unanimidade é burra. E isso para todos os lados. Outra coisa importante e que as vezes parece difícil de entender, não são as pessoas de João Pessoa, Salvador, São Luis do Maranhão ou qualquer outro canto que esta escrevendo, não é Osmani, Papellao, Pelezinho etc... quem está escrevendo sou eu Johnny que morava no RJ punk que participava do NHC e agora mora em Goiânia. Não é uma questão de me isentar do que os outros ou o NHC fez, ou outros núcleos fizeram. Mas sim dizer que o que está escrito é minha responsabilidade e de mais ninguém. É minha opinião e de mais ninguém. Muitos hardcores podem concordar, podem. Mas a opinião e visão é totalmente particular. Não tenho intenção de voltar aos ânimos de antigamente com novas tretas e tal. Justamente porque a intenção principal deste escrito e mostrar uma outra versão dos fatos que muitos conheceram apenas pela ótica dos Anarco punks.

Quanto a criticas de conservadorismo, direita etc..... essas nem cabe responder. Justamente porque quem me conhece, convive comigo sabe que nada tenho haver com isso, estou no combate direto contra isso. Sobre preservar a cultura, faço e defendo isso, como fazem todas as culturas que lutam para resistir, sabendo que a mudança é inevitável, mas mantendo a essência da nossa cultura.

Bom, saber também que muitas pessoas leram o que escrevi e se identificaram com as ideias (e não são hardcores niilistas), fizeram as críticas, são anarco punks, convivem com anarco punks e souberam expor pontos de vistas sobre que escrevi, vendo até coisas por trás da

história que eu mesmo nem sabia. Isso é bom saber que teve gente que concordou que soube criticar demonstra para mim que apesar dos pesares, sim era necessário escreve algo sobre essa história. E surtiu o efeito esperado.

Sobre tolerância e respeito, muitos anarco punks e alguns hardcores ainda devem aprender algo. Moro em Goiânia, convivo com anarco punks que não usam visual, são capoeiristas, malabaristas etc... sabem de minha opinião, pois nunca escondi. Mantenho o respeito a opinião dele, mesmo discordando. E se não der certo vou fazer as minhas coisas só mesmo. Mas por enquanto aqui as coisas fluem bem, embora haja crítica, há tolerância e respeito.

Mas, normalmente os críticos mais ensandecidos, vão procurar os “defeitos” e não as qualidades da escrita. Vão ser parciais e praticar discursos fáceis, taxando de isso e aquilo pois pegam (como no discurso fascista) com facilidade, e estes não estão abertos a entender outro ponto de vista. Que não seja o seu. Agora quando a violência é praticada não se pensa que ela pode ter uma justificativa. Não sou uma pessoa violenta, que agride gratuitamente as pessoas porque simplesmente não gosto das opiniões de alguém. Mesmo no auge do conflito do NHC não saí agredindo ninguém só porque não concordava com a ideia dele. Mas falo do fundo do coração não vou tolerar me chamarem de fascista, de conservador, de direita ou qualquer coisa similar. Porque se quer criticar ótimo. Se nem quer se aproximar ou discorda completamente do que escrevi. Beleza. Mas não venha desrespeitar um individuo punk com mentiras e distorções. Pois é disso que fala o NHC e os anos 90 e disso prefiro ficar longe.

Esse encontro em Belém foi um marco. Mas, ainda não significa o fim das intolerâncias nas cenas punks do Brasil, infelizmente muito longe disso. Lamentável. Mais teve seu valor com certeza. Eu, continuo em Goiânia, centro oeste movimentando a cultura punk, junto aos manos da periferia, rappers, malabaristas, pobres, favelados tentando proporcionar um pouco de cultura para quem não tem condições e embora Goiânia tenha mais de 1 milhão de habitantes. Ainda é uma cidade extremamente centralizada quando o assunto é cultura e contra cultura.

SAUDAÇÕES HARDCORE NILISTAS A TODOS!

Ninguém educa ninguém, aprendemos juntos

Mauricio Remígio

Saqueadores
Dizimam gente
Disfarçados de cifrão
Não podem ser vistos
Hospedam o caos
Molestam a paz
Colhem poder
Comandam o pensar

Pelas frestas
Nossos saberes
Vêm como luz
Atravessam
Dizem quem são vocês
O que querem
Podemos lhes ver
Ouçam os tambores
Somos mundos outros
Estamos vivos

(C.O.I.C.E.)

Tomei conhecimento do encontro punk por meio de um amigo anarcopunk que me enviou o flyer do evento via WhatsApp. A notícia me provocou ânimo em participar, ainda mais pelo fato do evento vir a ser realizado em Belém – PA, muito próximo da cidade onde resido atualmente, Macapá – AP.

O entusiasmo vem do contentamento em perceber que o punk está vivo, em movimento, assim como na possibilidade de encontrar novas pessoas punks e reencontrar amigos que têm dedicado

suas vidas à cultura punk, em sua diversidade. Além disso, no momento, realizo uma pesquisa acadêmica focada na experiência anarcopunk. Na pesquisa me preocupo em discutir as vivências que os indivíduos anarcopunks experienciam, seus saberes e suas maneiras de ver e compreender o mundo, como processo de formação. Como uma educação própria do punk.

Assim que soube da realização do evento, cerca de vinte dias antes da data marcada, tratei de me articular para participar. Entrei em contato com os organizadores, mas especificamente com o Índio, um dos anarcopunks que participava da organização. Feito o contato, além de confirmar minha presença também foi destinado um lugar na programação para que eu falasse sobre o livro que produzi em 2018. O livro, cujo título *Desapropriando o currículo: imagem, prática educativa e experiência vivida no movimento anarcopunk*, é resultado da pesquisa que venho realizando desde 2010, da mesma forma da investigação atual, trata dos aspectos formadores da vivência anarcopunk.

O livro é um relato de experiências realizadas, como professor, em uma escola pública da periferia de Macapá – AP. Práticas estas que reverberam as minhas aprendizagens no movimento anarcopunk e, por isso favorecem produções estéticas não autorizadas pelo currículo institucionalizado. São ações educativas orientadas por princípios de coletividade e de sabotagem às relações e saberes hierarquizados/autoritários.

Uma vez confirmado a participação me organizei para chegar em Belém – PA um dia antes do início do evento que aconteceu nos dias 19, 20, 21 e 22 de dezembro de 2019. A organização ofereceu alojamento e alimentação a partir do primeiro dia do evento. O alojamento deu-se no instituto Adrielle e Bianca localizado no bairro Pratinha II, local que também sediou as reuniões e a gig.

O instituto Adrielle e Bianca é a opção de diversão de muitas crianças que moram no bairro Pratinha II. Na rua estreita, afastada de espaços públicos de lazer, a casa mista, de madeira e alvenaria, tem um pátio amplo e uma sala de aula construída recentemente para oferecer aulas e atividades lúdicas para crianças e adolescentes da comunidade.



Instituto Adriele e Bianca

O nome da instituição faz referência ao crime que, em 2006, resultou na morte das irmãs encontradas em um terreno baldio (local onde foi erguido o instituto), após terem saído para brincar de bicicleta pelo bairro. Vítimas da ação perversa de quatro homens que abusaram e mataram as crianças de seis e cinco anos. O projeto social tem como objetivo acolher crianças e adolescentes da comunidade oferecendo atividades relacionadas a produção de arte, festas comemorativas e aulas de reforço. A tia-avó de Bianca e Adrielle, Dona Ivanice e seu companheiro Jorge são os gestores do instituto, o qual tem a participação ativa dos membros da comunidade. Um grupo de anarquistas participantes do movimento de organização de base (MOB), também se dedicam a prática de atividades educativas no instituto e incentivam iniciativas de **organização** popular.

Como dito anteriormente, minha chegada em Belém aconteceu um dia antes do início do evento. No aeroporto me encontrei com um anarcopunk dos anos de 1990, Jairo que veio acompanhado com um punk de Macapá que ainda não o conhecia, o Marcelo. De lá fomos tomar café na feira do Ver-o-Peso, um dos mercados mais antigos do Brasil que comercializa variados tipos de gêneros alimentícios e ervas medicinais, vindos das ilhas circunvizinhas à capital e dos municípios do interior, por via fluvial.



Feira do Ver-o-Peso

O dia foi de rolê pela cidade, fomos no bairro Guamá na casa de parentes do Jairo onde almoçamos e descansamos um pouco. De acordo com Jairo o Guamá é um dos mais populosos bairros de Belém com mais de 100 mil habitantes que acolhe a maioria de famílias de classe baixa e média baixa. Guamá vem de um vocábulo indígena e significa rio que chove.

De lá nos dirigimos ao centro da cidade, para o sebo do Sergio um anarcopunk dos anos de 1990 que mantém, junto com outros companheiros, um sebo numa galeria no centro da cidade. No sebo, uma espécie de point de anarquistas, punks e anarcopunks foi possível encontrar punks de várias gerações. O papo foi longo, se estendeu até o anoitecer. De lá fomos direto para o point punk que acontece ao lado do Teatro da Paz.

A atmosfera já revelava o contentamento dos punks em sediar um evento nacional, não se falava noutra coisa. Era hora de saber sobre as cenas de outros estados, de atualizar notícias sobre bandas, fanzines e de fomentar perspectivas para o movimento. No point reencontrei alguns amigos que se envolveram com o punk nos anos de 1980, e que se dedicam mais para articulação musical na atualidade, anarcopunks dos anos de 1990 e punks ativos na organização política do movimento. O clima do encontro, no lado do teatro da paz, próximo da Praça da República, fazia com que as conversas não findassem, os assuntos não se esgotavam. O papo que se desenrolava, a alegria dos encontros e o acolhimento dos punks de Belém – PA faziam com que não se notasse o cansaço, nem mesmo o calor. Podia-se ver vários punks sem desprenderem-se, em nenhum momento, dos seus Jaques.

Já tarde, de madrugada me desloquei para descansar na casa do Índio. Demoraria um pouco e o evento teria início. Índio me apresentou o seu bairro como um bairro que foi ocupado por ribeirinhos em busca de oportunidades. O bairro do Condor, menos populoso que o Guamá, é ocupado por pequenas feiras e comércios onde nos alimentamos no período que estávamos por lá. Descobri por meio do Índio que, o nome Condor se refere a uma homenagem a uma empresa aérea alemã, Sindicato Condor, que operava em um antigo aeroporto.

Do bairro do Índio nos juntamos com outros punks e anarcopunks e seguimos para o local do evento, mas antes passamos pela rodoviária para encontrarmos um anarcopunk que acabava de chegar de São Paulo, o Valo Velho. Assim, seguimos juntos para o Instituto Adrielle e Bianca, no bairro da Pratinha II, bem distante de onde estávamos.



Seu Jorge, Dona Ivanice e Valo Velho

Ao chegarmos no instituto, Dona Ivanice e Seu Jorge já nos esperavam ansiosos. Trataram logo de nos apresentar o instituto. Contaram o porquê da existência do instituto e o que os motiva a continuarem mantendo esse local para acolher crianças e adolescentes da comunidade. Transitamos por todos os compartimentos do local, conhecemos seus animais de estimação e utilizamos a cozinha e os banheiros coletivos. Dona Ivanice fez questão de enfatizar que os banheiros foram construídos pelos punks organizadores do evento.

O início do evento

No outro dia, logo cedo estávamos de pé. Tomamos café junto com Dona Ivanice e seu Jorge e iniciamos as atividades relacionadas ao evento. Arrumamos a banquinha punk anarquista no pátio do instituto e organizamos a sala de aula para uma oficina de zine que, infelizmente não foi possível acontecer. Abrimos os portões do instituto e as pessoas da comunidade começaram a surgir. A primeira a aparecer foi a vizinha, a qual eu havia ido buscar água potável, do poço da casa dela para consumo no instituto. Eu vim conhecer os punks, cheguei! Avisei a vizinha ao entrar no instituto. Conheceu os punks, ficou um tempo na banquinha e foi ajudar Dona Ivanice e seu Jorge nos preparativos do encerramento das atividades do instituto do ano de 2019.

Aos poucos as pessoas continuavam a chegar. Tanto que, em menos de uma hora o instituto já estava ocupado por moradores de várias idades. Logo que entravam se deparavam, após o portão, com a banquinha que continha materiais trazidos pelos punks e anarcopunks. Paravam, conversavam, manuseavam o material exposto e, com curiosidade, cuidadosamente faziam perguntas diversas.



Moradores do bairro com o anarcopunk Valo Velho – visitando a banquinha

A banquinha continha materiais diversos, sobre feminismo, punk, anarcopunk, organizações autônomas, anarquismo, produções de bandas de diversos locais do país, camisetas, patches, rebites... O que mais me chamou atenção foi a aproximação dos adolescentes. Não se contentavam em visitar a banquinha pegavam o material, sentavam e queriam saber mais daquilo tudo. Queriam fazer fotos.

Nessa movimentação, presenciei o interesse de uma menina pelo jaque dos punks que se encontrava em cima da banquinha. Ela perguntou se era pra vender. Nesse momento, Valo Velho e Marcelo explicam pra ela que não estava à venda. Com detalhes, mostrando cada parte do jaque, patches, rebites, eles contam para a menina que o jaque é confeccionado individualmente, cada punk confecciona o seu.

Duda é o nome da menina que se interessou pelo jaque. Com a ajuda dos punks passou a saber mais um pouco daquele artefato utilizado por eles. Entusiasmada veste o jaque e fica com ele durante toda a manhã. Todos nós nos emocionamos com adesão da mina ao punk. Duda parecia ter sido fisgada pela cultura punk.

O saber parecia ter se convertido em vontade, em desejo. A menina vestida com o jaque transitava pelo instituto com a imagem punk. Para mim, aquela cena, também era uma mensagem de boas-vindas. Não havia fronteiras entre a comunidade e as pessoas punks. A mensagem foi captada e, cada vez mais essas fronteiras foram sendo diluídas, se é que existiram em algum momento. Anarcopunks, anarquistas, punks e comunidade se agregaram e fizeram a festa acontecer.



Moradora do Bairro participando do som punk

Houve um momento em que os moradores convocaram os punks para tocar, não estava na programação. O momento das bandas se apresentarem estava previsto para o último dia, na gig. Mesmo assim, se montou uma banda de improviso, um mix das bandas INSURREIÇÃO de São Paulo e DOR de Macapá. Como não havíamos trazido a bateria até aquele momento, a Duda e eu improvisamos uma percussão com baldes e garrafas pet. Foi assombrosa a expressão das pessoas. Dançavam, gritavam intensamente e tentavam cantar junto, eu entendi isso como pogo. A força da antimúsica punk estremeceu os corpos. Eles estavam começando a compreender o punk.



Duda confeccionando o seu jaque com ajuda dos punks

O envolvimento foi tão intenso que na parte da tarde a programação do evento foi alterada. As pessoas da comunidade voltaram para trocar ideias. Entre elas a Duda com sua irmã mais nova. Além de sua irmã a Duda trouxe uma jaqueta. Queria construir um jaque punk. Marcelo e Valo Velho, logo doaram patches e rebites escolhidos por Duda e orientaram na construção do jaque.

No dia seguinte foi possível fazer uma reunião fechada para discutirmos as questões pertencentes ao movimento punk, tivemos o dia todo para isso. Iniciamos com a avaliação das aprendizagens mútuas que o contato com a comunidade local nos proporcionou. Na reunião estavam presentes punks de São Paulo, Belém e Macapá, além de Dona Ivanice.

Muitas questões foram debatidas, entre elas a importância do combate ao fascismo, identidade punk, diversidade no movimento punk, religiosidade, apoio do movimento aos punks velhos, entre tantos outros temas que surgiram. No entanto, a experiência com a comunidade local estava impregnada nos punks e, assim se reconheceu que a preocupação excessiva em criar o movimento punk como um bem cultural, muitas vezes impossibilita uma inserção mais voltada para as ações sociais.

A partir da experiência com a comunidade que frequenta o instituto Adriale e Bianca ficou evidente para todos a importância que o convívio com a diferença e a preocupação com questões sociais, assim como a criação cultural/estética no cotidiano, com as bases, devem caminhar juntos. Se apresentam como um exercício de liberdade por meio da ação política/ética do punk. Seja ele anarcopunk ou punk HC.

Outra atividade que aconteceu no evento, que me chamou bastante atenção, foi um rolê no centro da cidade guiado por Índio. O rolê tinha como intenção percorrer pontos históricos relacionados a Cabanagem. Índio nos apresentou a Cabanagem, a partir do rolê no centro histórico, como uma das poucas revoltas do período regencial no Brasil que agregou várias classes sociais. No rolê, enquanto conversávamos, íamos descobrindo a cabanagem como uma revolta popular, violenta, ocorrida de 1835 a 1840, na província do Grão-Pará. A rebelião, a qual tinha como

objetivo a independência da região, teve um grande alcance e se espalhou pelos rios Amazonas, Madeira, Tocantins e seus afluentes. Aprendemos com o Índio que, o nome deste movimento é um termo que se refere às habitações típicas da província, construídas como cabanas ou palafitas. Foi um rolê significativo e necessário que nunca tinha experienciado em nenhum evento punk. Além do rolê, foi exibido um vídeo sobre a Cabangem. O outro vídeo que seria exibido, “Viver para Lutar”, em seu episódio I, “Punk, anarquismo e feminismo: as minas dos anos 90”. Infelizmente foi impossibilitado por problemas técnicos.

Durante o evento também foram lançados livros de pessoas envolvidas com o movimento punk, entre eles: *My Way: a periferia de moicano de Valo Velho – São Paulo*, *O NHC e os anos 90 de Johnny Punk HC* e *Desapropriando o currículo: imagem, prática educativa e experiência vivida no movimento anarcopunk de Maurício Remigio*.

Os livros abordam diferentes aspectos das ações nas cenas anarcopunk e punk Hc. No momento destinado ao lançamento dos livros os responsáveis pelas produções se encarregaram de expor as ideias seguido de um debate aberto com os presentes. Foi um momento de muita interação, as pessoas presentes participaram de forma ativa por meio de perguntas e questionamentos. Aconteceu, com efeito, uma troca de ideias.

Aqui, nesse relato, me estenderei um pouco sobre a exposição que fiz do meu livro, uma vez que Jhonny HC e Valo Velho terão, nesse livro/zine seus próprios textos sobre suas participações.

Então, como dito no início desse relato, o livro trata do meu aprendizado no movimento anarcopunk e, como essas aprendizagens reverberaram nas ações que realizo enquanto professor de arte. Foi disso que falei. A troca de ideias aconteceu na sala de aula do instituto. Estava cheia, as pessoas iam chegando e se organizando em círculo. Ali estavam muitas pessoas de Belém e de outros estados, entre elas anarcopunks professores, punks e professores.

De forma rápida, falei da experiência do livro, o qual relata experimentos realizados em uma escola pública da periferia de Macapá – AP. Experimentos que levam em consideração a liberdade dos sujeitos, sempre vistos como capazes de agir coletivamente na construção de outros modos de ver e viver. Expus que esse ponto de vista se intensifica, principalmente, quando se tem como objetivo boicotar relações autoritárias que hierarquizam saberes.

Em síntese, apresentei a ideia central do livro como um relato de ações educativas contaminadas pelas minhas aprendizagens no movimento anarcopunk. Aprendizagens estas que, traduzidas para a ação educativa se constituem como princípios que norteiam a recusa à obediência às estruturas institucionais autoritárias e as relações de poder que difundem opressão e silenciam vozes no ambiente escolar. Ao pensar e agir dessa maneira, nada mais conveniente que fazer dos processos educativos um ambiente resultante de ações coletivas onde as relações professor/aluno/aprendizagem possam ser problematizadas e horizontalizadas.

Experimentos estes que, contrastam com modelos institucionais vigentes. Modelos, quase sempre, baseados em perspectivas desenvolvimentistas, na precedência da teoria sobre a prática, que atendem lógicas positivistas tecnocratas e justificam uma ordem social hierarquizada. Ou, ainda, modelos cujo interesse é servir aos propósitos empresariais e industriais, voltados para a preparação ao mercado de trabalho fazendo do campo educacional um lugar privilegiado para ser utilizado como técnica de governo, regulação e controle social.

Assim, fiz questão de deixar claro que o livro se trata de um relato, não de um modelo ou método a ser seguido. É resultado de um processo de criação no ambiente escolar que carrega a minha compreensão do que é ser anarcopunk na atualidade. Como um movimento que preza pela diversidade, outras compreensões/experiências também podem ser criadas e narradas em diferentes contextos por outras pessoas que vivenciam o anarcopunk.

As ações educativas que experimento traduzem uma compreensão de formação no anarcopunk, ancorada na filosofia política anarquista que implica na transformação das relações. Enredados no lazer e na criação cultural manifestada por meio da exposição social, entendo que, os anarcopunks se formam ao mesmo tempo em que produzem crítica através da imagem que emerge como protesto. Imagens de si próprios, sem disfarçar, de um corpo trabalhado, preparado, transformado para provocar denúncia. Transformação que, nega o Estado/hierarquia e tenta construir relações, nas vivências diárias, assentadas no respeito mútuo entre indivíduos e coletivos, de modo que possam construir práticas antiautoritárias.

Acredito que, compreender o modo como os anarcopunks se educam se faz importante no sentido de tornar visível, consciente, como a produção e a disseminação de saberes acontecem no nosso meio. Torna-se importante conhecer o modo como aprendemos e, nos apropriarmos de vez dele, para não nos tornarmos reféns de modelos prontos.

Nossos saberes e repertórios são construídos e vivenciados pelos que participam da luta. Temos nossa própria maneira de fazer as coisas, inventamos nossas artesanias, construímos nossa própria agenda, também temos condições de construirmos nossa própria maneira de nos organizarmos, não precisamos importar modelos. Basta prestarmos atenção no nosso modo de construir resistência. Dessa maneira, construímos pequenas liberdades como uma oportunidade de aprender, sem autorizações, aceitando os riscos próprios de tal transformação.

Conhecer e assumir nossa própria maneira de fazer as coisas pode nos ajudar a combater relações autoritárias, reconhecer outros saberes e partilhar os nossos com outros grupos. Seja lá onde for, podemos chegar e dizer: Ninguém educa ninguém, aprendemos juntos.



My way

a periferia de moicano

Valo Velho (Billy WolfGangZ)



Valo Velho no Forte do Castelo, em Belém do Pará, durante o Roteiro Punk Cabano em 2019.

O processo até a editora, a referência da amizade na quebrada, a referência da militância como caminho para a construção de um legado na literatura marginal, o respeito as causas transversais ao Punk (anti-homofobia, antirracismo, feminismo, radicalismo punk, e o respeito da esquerda ao movimento Anarchopunk).



Valo Velho (SP).
Foto de: Hayana Machado

Insurreição...

"...bello nombre para la primera banda anarcopunk del MAP de São Paulo – Brasil.

Tuve la oportunidad de conocer al guitarrista de esta banda Insurreição, quien despues también despues formaria a otras bandas como Pos-Guerra y Ewiger, pero eso es otra historia).

Primero en San Francisco cuando vivia en el barrio latino de La Misión, viviamos em uma casa en frente a la escuela Cezar Chavez y ahí le cayó para comer y compartir platicas inolvidables.

Conocimos de primera mano las historias y recorridos del movimiento Anarchopunk y celebramos nuestras similitudes a la vez que intercambiamos materiales como cintas, discos y zines

Mientras aprendíamos intercambiando nuestras culturas y lenguas a travez de largas conversaciones con bebidas, "arroz con feijão" y plátanos fritos.

Gracias a el conocimos por la primera vez la capoeira, su historia de resistencia y lo que tenia que ver con el punk.

Estuvimos juntos en un par de radios libres em Oakland y San Francisco, como Radio X Free Radio Berkeley; se habló en crear uma banda pero no teníamos los medios ni el espacio para ensayar.

Asistimos por primera vez en Gilman en Berkeley para ver a Subhumans y Citizen Fish y al no ser del país ni

tener carros ni padres que fueran a recogerlos al final del concierto como a la mayoría de los punks de esta ciudad, tuvimos que ir caminando hasta el gueto de Oakland donde pudimos esquivar el acoso de la policía, pero no pudimos salvarnos de ser interceptados por una de las tantas pandillas que indignados nos recriminaban por la osadía de cruzar su barrio a esas horas y con esas pintas. Además de haber arrancado una manta que nos parecía ofensiva.

Afortunadamente ese día pudimos librarla y continuar nuestro camino; el viento frío de la noche fue aminorado por nuestra rabia y por la caminata.

Y por fin cuando llegamos a su casa que se encontraba en el sótano de Food Not Bombs, me dijo muy convencido: “temos que obter uma arma!”

Años después me encontré con él en su casa en una favela en Brasil, y supe el porque de su apodo, (el nome de um barrio del distrito periferico de Capão Redondo” en la región Sur del município de São Paulo).

Hoy en día sigue vivo y activo y recientemente sacó un libro con la historia de su vida y que es una página de la historia del punk y del Anarchopunk.

Esperamos algún día traducirlo al Español pues es un gusto saber que un guerrero de esta generación sigue resistiendo después de tantas batallas y tanta represión.

INSURRECCION ANARCHOPUNKS!

Por Victor Chomsky (Desobediência Civil – México DF); um artigo para uma de suas publicações.



Desobediência Civil, banda anarcopunk do México

Após alguns anos no exercício de algumas funções sacerdotais – alguns se perguntariam o porquê das atividades dentro de uma igreja Mórmon – quando me lembrei de que certa vez disse a um Elder que eu não escreveria um livro quando ele me sugeriu: “Você tem bastante conhecimento... por que não escreve um livro?”

— “Não quero colocar mais uma publicação pra rodar. Livros são árvores mortas. São matérias de um mundo devastado que se exporá até a – própria – morte da humanidade!”.

A ideia me passou pela cabeça, rapidamente, mas se dissipou com o tempo. Eu até escrevi um ensaio chamado “Punks sem X”, mas ficou apenas no documento de textos e apesar de ter passado umas duas cópias, não pude publicar e nem mesmo tornar conhecido de pessoas mais distantes pois era mais assunto pra deep web...

Com o tempo fui acumulando experiências de militância e mesmo quando estava ativo na Igreja SUD, meu trabalho na cena alternativa nunca parou. Minhas orientações sacerdotais passavam mais por reconhecer direitos que já eram tão limitados na igreja e muitas vezes nem eram reconhecidos por conta da ignorância e da maldade dos sacerdotes.

Na ideia original do sacerdócio existe a inquestionabilidade das leis puritanas, as quais eu nunca segui e nunca seguirei. Meu afastamento começou a se arquitetar a partir do dia em que um Elder entrou na casa de uma família católica e fez um ato de exorcismo num rapaz bêbado.

Eu questionei a ideia de que o exorcismo não existiria de verdade se uma pessoa não tivesse autonomia de reconhecer seus erros e assumir que o diabo não tem poder sobre ela, que atribuir seus erros a uma entidade inexistente era uma forma de escapar da responsabilidade perante seus atos.

Me tornei muito apático quando encontrei a afinidade definitiva entre o cristianismo moderado dos mórmons e a radicalidade abusiva dos pentecostais. No fim é tudo a mesma coisa?

A respeito do link entre estar na igreja e escrever, alguns punks me questionaram em Belém sobre o fato de que eu assumi a influência da linha literária de relatos, de crônicas e de parábolas do mormonismo.

Eu não reproduzo ideais e doutrinas Mórmons em meu livro, mas trabalhei com muitos Mórmons em minha cena punk local e alguns fizeram algumas coisas legais para o movimento punk aqui na região. Mesmo conturbado a referência de ser um punk ativo na igreja e no movimento me deu uma abordagem única pois tinha de lidar com problemas que geralmente os punks não lidam por não estarem relacionados a cultura punk, como as origens e a história das famílias dos meninos pobres da periferia, seus ideais e sua dependência familiar e a luta por independência dentro de uma comunidade religiosa que não entendia as suas liberdades. Isso fazia a diferença quando tínhamos de viajar pra outras cidades ou cantos distantes onde era preciso passar a noite com um bando de adolescentes que deveriam estar à mercê das drogas, do alcoolismo, expostos às possíveis trips violentas das ruas, etc.

Não me incomodava o rótulo de pastor as vezes, mas sempre fui sobretudo companheiro, o pastor impede que o lobo apanhe as ovelhas, mas no fim de tudo ele mesmo as degola. Somos todas ovelhas!

Escrever tudo isso exigia uma grande coragem pois eu não estava agindo dentro das linhas punks tradicionais, e nem acadêmicas. Eu escrevia fanzine na adolescência, lia e discutia seus conteúdos, publiquei vários zines com muitos punks na minha convivência e sabia muito bem escrever sobre as coisas do meu universo, mas precisei de um conhecimento extra pra discorrer sobre o punk em um livro.

Uma abordagem mais apropriada sobre isso (religião e punk) estará num capítulo à frente deste mesmo livreto que é um apêndice do My Way.

A maior deixa deste grupo ao meu trabalho é que os jovens são estimulados a escrever sua própria história baseado no fato de que os profetas escreveram, os reis e juízes escreveram e pessoas comuns também passam a fazer parte da história através do uso da escrita.

Não me levem a mal, eu escrevo desde a minha infância, na escola me destacava por minha poesia e meus contos e por minha boa memória, mas quando se tratava de contar minha própria história eu falhava, era sempre muito político quando precisava ser pessoal e isso me impedia de reconhecer meu próprio trabalho, e minha independência passou por ter contato com uma cultura literária mais profunda, que só viria depois da análise de várias formas de escrever e contar história ou criar contextos e contos.

A questão da ordem dos fatos no meu livro até que reproduz uma espontaneidade perigosa, navegando aleatoriamente entre períodos da minha história e colocando os exemplos soltos aqui e ali... definitivamente não é um trabalho acadêmico, e eu nunca vou fazer isso desta forma eu creio, pelo menos quando se trata de punk!

Levei bem pouco tempo para finalizar o livro, e fiz na base da instrução dada nas aulas devocionais, e principalmente baseado em memórias, que é uma coisa incentivada aos jovens. Escrever sua própria história também é um tema elaborado pelos mórmons, e nisso está um traço comum de autonomia dos dois grupos.

O mais difícil, na minha história de compor este livro, foi conciliar forças contrárias em um livro que fala de tanta gente ao mesmo tempo, pois a preocupação em salvar uma parte da história da periferia era imanente ao meu discurso, bem como é ao dos punks em geral.

Existem muitos exemplos de punks que escrevem melhor do que eu e nunca tiveram seu material elaborado para um livro. Somente um livro de memórias poderia me colocar no patamar de um escritor de livros pois

embora eu tenha um conhecimento marcado sobre muitas coisas, o punk é uma preocupação latente na minha filosofia, na minha cultura e na minha música. Eu poderia ser batizado um milhão de vezes e estas marcas culturais jamais seriam apagadas, pois, como os mórmons, também os punks tem suas referências históricas, suas lutas e suas elaborações teóricas sobre o mundo tanto dos negócios como da política, e principalmente, o que me põem de pé contra os dois lados do muro...

Os punks elaboram muito em torno de um mundo sem religião...

Apesar de muitas bandas e pessoas não assumirem uma postura definitivamente não religiosa ou antirreligiosa, há uma concordância em linhas quase gerais quanto ao fato de que as religiões que circulam no universo paralelo ao punk são religiões que sincretizaram sistemas de dominação entre as civilizações ocidentais e orientais, e geralmente o conhecimento religioso dos punks é muito pobre no Brasil, passando apenas por uma observação crítica do cristianismo e superficial aos outros ritos judaicos, que eu chamo de tradições semíticas.

Tudo bem, estou falando de punks mais radicais e envolvidos em lutas uterinas contra o estado, e é inegável que apesar de sua pouca informação os punks sabem da ligação destas entidades de poder com a manipulação do estado, apenas alguns, no entanto conhecem a verdadeiras histórias e mesmo os atalhos da nossa realidade.

A composição do meu livro lidou com estes atalhos, procurou contatos e conciliou permissões para possibilitar a publicação.



Livro My way – a periferia de moicano

Alguns dos punks que estão aqui sendo citados não se falam, já inclusive tiveram conflitos e atritos perigosos que poderiam ter gerado consequências graves, e nisso eu agradeço às minhas amizades e aos mais esclarecidos neste negócio todo. A questão dos atritos não se dissolveu, mas estabeleceu uma pausa sábia que preservou algumas formas de expressão do punk em um período de assimilação e conectividade, que posteriormente se dicotomizou, ganhou caminhos distintos e até antagonicos.

Por isso agradeço e peço perdão a todos por alguma falha em considerar as suas diferenças ou a seriedade de algumas rivalidades. Por outro lado, se não fosse por esta pausa da tensão dos relacionamentos – ao menos no que diz respeito a compartilhar um espaço comum nas minhas experiências – meu trabalho não se realizaria, e em suma ele acabou se resumindo na abordagem do trabalho de todos. Então por que ele se chama My Way e não Our Way?

Acho que isso se responde ao ler o livro...

Procurei por muitas pessoas para obter material escrito, referências históricas, fotografias e zines ou livros e até mesmo fitas K7s e vinis...

Sem sombra de dúvida a contenção deste material teria dado uma outra cara a este livro, mas como sempre estive entre viagens pomposas e morar na rua, minha vida não me permitiu aglomerar este material.

A única coisa, portanto, que me deu acesso ao poder de documentar, escrever e publicar este livro foi a minha própria história e o respeito que as pessoas, as vezes contrariadas pela seriedade desta ação.

Havendo fechado o meu trabalho em um PDF, distribuí algumas cópias entre alguns amigos e pedi sigilo pela seriedade dos relatos...

Como ninguém é perfeito, alguma coisa sempre vaza, ou pode ser que o Ferréz tenha mais acesso do que imagino ao mundo da literatura marginal. Hoje eu reconheço isso, mas até eu terminar meu PDF e enviar para o Bill da Extremamente Irritante, isso é uma puta história que dá assunto pra outro livro sobre como é foda conseguir publicar um livro aqui nas camadas de baixo desta pirâmide, é como mastrar na base e ser um tijolo solto...

“Bill por favor não entregue a ninguém este documento!” - Esse mano é outro tijolo solto.

O Ferréz me ligou certo dia e disse: Li o seu livro e quero conversar com você sobre como publicar este material.

“Caralho velho!!! Como assim você leu o meu livro...??”

Havia uma certa crítica ao livro Capão Pecado, assim como ele próprio posteriormente colocou algumas críticas ao meu livro mesmo considerando-o um dos melhores que já leu na literatura da periferia. A nossa liberdade de crítica é algo garantido... e no processo tivemos alguns encontros onde ele me ensinou muitas coisas sobre como aperfeiçoar meu estilo com base em dados, estilismo, documentos, referências e organização textuais... cara está publicação foi uma grande escola pra mim, apesar de estar na época no 5º semestre de Letras na faculdade.

Se eu hoje fosse escrever o livro My Way a partir da minha experiência em publicação com ele, minha observação sobre o Ferréz não seria sobre como ele escreve isso ou aquilo, e sim pelo trabalho de difusão da cultura proletária, pela responsabilidade em cuidar da

educação e desenvolvimento de várias crianças em sua ONG na periferia de SP – Jardim Comercial, aqui próximo ao Valo Velho – a qual eu pude visitar e compartilhar alguns momentos de trabalho e de ludismo entre estas crianças e seus educadores e amigos na ONG.

Pra finalizar a coisa em torno da publicação e seu processo eu fui chamado por ele Ferréz pra uma reunião em seu escritório aqui em Itapecerica:

“Não seria uma coincidência estranha, Valo Velho, que justamente neste local a alguns anos atrás sua banda teve um show nesta praça em frente, e agora eu tenho meu escritório aqui?”

De fato, lutamos muito pela cultura na periferia, não seria uma coincidência, nunca, e sim um atrito normal e necessário.

Valo Velho, vamos poguear caralho!!! Aqui está o seu livro em suas mãos, graças ao Selo Povo, e ao Criolo do rap que ajudou financeiramente seu projeto.

Em seguida ouvi a frase mais satisfatória de minha vida neste processo cultural de anos, onde muitas vezes tive minha história varrida pra baixo do tapete, desrespeitada, abduzida, apagada, castrada, torturada, distorcido, torcida e retorcida:

“Nossa história ninguém controla Valo Velho... aqui é o subúrbio!!!”

Minha filha a princípio pediu que eu não publicasse o livro por que temia represália dos KKKs que são numerosos onde ela vive... como eu demorei quatro anos pra concluir o trabalho de conciliação para a publicação do material – até por conta de problemas como este que se deu com minha família – aos 18 anos ela me ligou dando permissão de sua parte para publicar o livro:

“Pai eu corro com a galera do Rap aqui, sem chances pra galera do KKK; o senhor pode publicar o livro pois estou segura de que não fariam algo contra minha pessoa sem antes considerar o risco. Apenas me faça um favor querido... não deixe estes filhos da puta pegarem você!!”

... do apêndice ao Livro My Way – A periferia de Moicano, publicado pelo Selo Povo em 07 de Setembro de 2019.

A minha música

...Então... eu, lendo algo de Johny Cage, me deparo com o argumento de que até chegar ao nível de apreciar a música intracelular é preciso um grande poder de concentração e meditação.

Ao nível da pressão baixa temos o campo grave da música em nosso fluxo sanguíneo, na pressão alta o tom fica agudo... Nosso corpo emana compasso, bom, nossa esfera de sentimentos influencia na música e bate no cérebro com uma vibração interativa.

Entender a participação do corpo como um todo é uma brava missão pra quem as vezes simplesmente quer reclamar contra a fome... Porém a fome não é a barreira...

Nos campos da África, no Nordeste do Brasil e nos desertos da Arábia a música não é menos música do que nos conservatórios alemães cheios de gente de uma gordura regorgitante e protestante... Com todo respeito ao legado protestante, cristão e judaico na música. Há fome em grandes plantações, mas também a arte e música.

Nem mesmo a morte nos cala desde Hiroshima...

Nas nossas escolas nos ensinam canções de obediência à pátria e canções de devoção a deuses... Não nos ensinam que por eles morremos e por seus desejos somos escravos de seus lacaios em sistemas que cruzaram os séculos...

The rivers of babylon

BY the rivers of Babylon, where we set down...
there we were when we remembered Sion.
let the wicked carry us all in captivity
requiring from us a song
how shall we sing the lords songs
in a strange land
let the words of our mouths
and the meditation of our hearts
be acceptable in thy site here tonight

Says Marley.

Canções milenares soando no vento desde as prisões, desde os exílios e campos de escravos ou de concentração... a música é doce pra quem ouve e amarga pra quem faz as vezes.

A música popular encontrava rancho no meu ouvido e fazia seus balaústres dentro de minha mente quando eu ouvi pela primeira vez um som punk de verdade vindo da periferia.

Onde está a melodia do samba e a agilidade do forró ou a melancolia do jazz e da bossa nova?

Tudo respira um certo ódio e há grande sarcasmo nas entrelinhas e por isso a gente não vibra tanto nas FMs ou na televisão no horário nobre. Somos inapropriados para menores, para mocinhas e velhinhos e para cidadãos de bem que passam suas vidas extorquindo suas esposas no convívio doméstico, espancando os filhos ou abusando das adolescentes dentro de seus domínios patriarcais. Foda-se esta porra toda!!!

O punk é a criança entorpecida por essa raiva social e por esta falsidade toda. Temos poucos recursos e pouco conhecimento, mas sabemos o que está certo e o que está errado!!

Você já entendeu, né?

Falar das guerras é o mínimo que fazemos pela indignação dos povos contra os generais, ainda que haja quem simplesmente viva desta oposição tomando a causa destes oprimidos em guerra que lutam entre si por ordem de quem não luta com ninguém mas é o grande beneficiado. O político que convence o povo sobre a necessidade de uma guerra que não o ajuda como nação e nem como indivíduos, ao padre que abençoa os dois lados de uma guerra e ainda assim não conseguem despertar o mínimo de senso crítico sobre sua falsidade e atrocidade, dos militares que enfim abusam das mulheres nos campos de batalha após abater quantos de seus inimigos puderem.

Não há cidadania na guerra, ou não há humanidade na cidadania? do que falar numa música quando os países estão em confronto e as nações em estado de alerta para com a morte de seus cidadãos?

Mortos de Fome

(Armagedom).

Nós comemos de vez em quando
Não sabemos o que é a nutrição
Sentimos nossos ossos colados na pele
Pioramos de geração para geração

O que o patrão fala sempre está certo
Ganhamos muito mal escutamos poucos sons
Nossa vida é curta a morte está por perto

Vivemos como máquinas, máquinas com erros
procuramos não pensar passeamos nos enterros
uns aprendem a roubar outros aprendem a mendigar
vivemos nesta rotina até aprendermos a matar.

Favelas e barracos
Roupas esfarrapadas
Nenhuma expressão
Vidas enganadas
Mortos de fome

Como membro da primeira banda Anarcho punk de SP, escolhi dentre umas músicas que não tinham sequer sido gravadas em vinil, sons de bandas punks em que tocavam membros da minha banda Insurreição Hardcore. Armas pra matar era do Pica Pau (RIP) e não precisamos de líderes era do Carlinhos e eles tocavam na Refugo e Subversivos sucessivamente. Ambas eram formadas por membros do ABC paulista.

Não precisamos de líderes

(Refugo – Mauá)

Sustente a convicção
De acreditar em si mesmo
Não precisamos de ninguém
Para nos dizer o que fazer

Cabe a cada um
Reconhecer e lutar
Contra todas as forças
Que o tornam num alienado

Nós temos que nos unir
Para destruir o sistema
E construir um mundo
De igualdade pra todos

Pegue sua arma

(Subversivos – Diadema)

Pegue sua arma vá pra guerra vá lutar
Se foder nas trincheiras e onde mais eles mandarem

Uma vontade própria eles não te deixam ter
Lavagem cerebral é o que vai te acontecer

Tudo é um plano das elites militares
Escravizar matar os jovens aos milhares

Esse é o poder que mata e corrói
Eles só te usam com promessas de herói.

Becos escuros

(Insurreição – Valo Velho)

Pelos becos mais escuros
Nos cantos da cidade crua
Morrendo em baixo do sol
Ou sob a luz da lua
Os homens vão sem volta
Pra largarem toda a sua ira

Faça parte desta máquina
E vá se afogar no óleo
Troque sangue com alimento
E alimente-se de sangue

Aqui não se diz verdade
E o amor foi assassinado
Não existe mais justiça
E aqui jaz a humanidade!

Terra Natal

(Pós-guerra – Valo Velho)

O lugar onde eu nasci é distante daqui
Me lembro vagamente escola amigos e família
Tudo era tão simples como imaginar
Volto atrás no tempo pra me recordar

Sufrimento tortura e horrores de guerra
Policiais blindados e aviões
Levaram a família os amigos e a paz
Uma vaga lembrança da erra natal
Da terra natal sobraram escombros.

Toda a crueza do som punk e as suas letras de protesto diretas são uma coisa repulsiva aos ouvidos doutrinados da música pop, e isso é uma forma de separar bem o trigo do joio, por assim dizer na ordem correta dos fatores. No meu início como escrevente de som punk fiz coisas que refletiam a ideia geral do que eu escutava, e meu primeiro som foi falando de anarquismo e como eu o via na cena punk e como era importante que as pessoas dissociassem a bagunça do anarquismo e o punk das tretas e do vandalismo visto nos filmes de Bollywood. Punk é protesto e não vandalismo.

Anarquia

(by Billy WolfGangz, 1986 – Capão Redondo)

Anarquia não é caos
Anarquia não é ilusão
Anarquia não é governo
e não é acomodação

anarquia é um mundo justo
sem pátria e nem patrão
anarquia é liberdade
fraternidade e união...

Alguns de meus sons foram gravados por bandas em ensaios, como Becos escuros que foi gravado pela Pós guerra, Sem Esperanças pela Extrema Agonia e pelo Escoria Sub, entre outras.

Pra mim a música nunca esteve no centro dos interesses e eu sequer tinha instrumentos, a primeira vez que toquei com instrumentos foi com os Invasores na USP, depois com o Subsistência em Poá e com instrumentos emprestados. Sempre foi muito difícil ensaiar e fazer arranjos, então nossas músicas não tinham nem fim e nem começo, mas tinham naturalmente estrofe e refrão como todas as músicas punks em geral conhecidas.

De verdade eu comecei a tocar entre 86/87, na quebrada com amigos, primeiro com um violão e depois levei alguns sons com um amigo da gang Cérebros Atômicos, o Muky...

Meu som sempre variou muito entre grind (Brigada do Ódio) e entre o hardcore (Disorder, Raw Power, Wretched, Último Gobierno e Ataque Epiléptico) até que houve um Boom na cena nacional underground suburbana; uma coletânea do nordeste e alguns sons como Descarga Violenta, Delinquentes, Cuspe, Cambio Negro e Karne Krua, Revolução Proletária, Dever de Classe, e outras bandas do eixo nortenordeste começaram a influenciar a cena punk paulista (NA MAIORIA DESCENDENTES DE NORDESTINOS).

Não é que fossemos etnocentristas, mas as letras, principalmente da Delinquentes, eram muito na cara da nossa realidade. Apesar de não sabermos as condições de vida dos membros das bandas, tínhamos a ideia de que eram anarquistas, pois suas letras falavam em ação direta contra o imperialismo, auto-gestão, antirreligião e temas que a gente também abordava diretamente na cena Anarchopunk local.

Até eu sair para conhecer a América por alguns anos, toquei em vários shows e fiz várias parcerias, mas nunca tive eu mesmo instrumentos e recursos para gravar... a vida era sempre entre as ruas e as viagens e as passeatas e tretas com carecas, a música não ocupava um lugar central na minha vida, apesar de hoje eu possuir mais de 200 letras cifradas e musicadas, ter gravado cerca de sessenta músicas em estúdios, programas de computador, ensaios e shows ao vivo (tudo muito amador) e lá me dediquei a trabalhar, ser apresentador em rádios livres e piratas, viajar dentro da cena fazendo reportagens e escrevendo para correspondentes no Brasil...

Meu retorno ao Brasil me acendeu a vontade em ser mais ativo na cena musical, eu voltei com minha primeira banda, Insurreição e ensaiei e toquei com uns instrumentos velhos de última qualidade por algum tempo, depois fizemos concertos com coletivos na área entre 2004 e 2009, a Insurreição sempre se interrompe com um dado tempo e volta,

pois eu viajo, suspende-se as atividades e quando retorno ao meu QG no Valo Velho, retomo minhas atividades após cumprir alguma missão interestadual ou internacional (sempre motivo de confusão e discórdia).

Entre 2010 e 2016 gravei alguns sons eletrônicos em dois CDs, o primeiro se chamando THOR'S HAMMER, e o segundo DIGITAL EYE, nenhum dos dois facilmente disponível.

Como eu gravava produtos digitais, demorou um pouco até algumas pessoas da cena me mandarem um retorno sobre minhas gravações, principalmente porque as letras estavam em sua maioria em línguas inacessíveis a maioria: letras em Sueco, Alemão, Italiano, Espanhol, Hebraico, Finlandês, Sumeriano, entre outras foram pra mim uma espécie de laboratório de aprendizado linguístico/filológico onde pratiquei livremente a minha pronúncia, as divisões silábicas de cada língua e seus respectivos vocabulários.

Um trabalho musical muito básico e cru para os temas em que vive a música digital, mas certamente um grande esforço para sondagem e reconhecimento das complexidades dos estúdios digitais disponíveis nos dias de hoje por via de piratarias.

Como a música em seu campo teórico ainda era muito distante da minha capacidade de composição, meus sons digitais soavam bem depeche, muito modais e sem melodia, mais ou menos como um som punk só que com acompanhamentos bem mais complexos de instrumentação MIDI.

Num período paralelo, passei a cantar num coral LDS (Mórmon) e aprendi mais fundamentos de música como a divisão de vozes para coros com vozes femininas (soprano e contralto) e masculinas (tenor e barítono). Também aprendi a diferenciar gradativamente as diferenças das bases graves e das melodias agudas entrelaçadas nos cantos litúrgicos e nas sessões de reuniões. Para todo efeito acho que a igreja SUD é o único espaço popular de aprendizado musical onde a tablatura está aberta ao conhecimento de todos e onde se aprende música clássica em seu termo de construção científica e histórica.

A Igreja SUD como o MAP possuem um link muito direto com a música, com o aprendizado livre dos sistemas educacionais e acadêmicos, mas mantêm uma linha de composição evoluída e organizada. O punk é mais rico em sua diversidade de temas e é mais aberto ao público juvenil. Há muito mais diferenças entre eles do que se imagina, mas os compassos de músicas ocidentais, a brevidade dos arranjos instrumentais e a simplicidade de execução são muito comuns. Contudo os punks são mais repetitivos em sua execução de acordes, e os instrumentos são, é claro, marciais (bateria composta por elementos de banda militar como em todas as bandas de rock) e folclóricos (a guitarra como representação evoluída do violão).

No término de alguns anos de estudo em ambas as associações eu reconheci uma flutuação radical nos movimentos musicais. Os punks não celebram muitas coisas e não exigem tanta ordem enquanto os Mórmons reverenciam as autoridades e os eventos de seus calendários sociais e litúrgicos.

São duas escolas completamente dinâmicas e politicamente extremamente distintas por seus perfis sociopolíticos e culturais opostos, embora na maioria os membros sejam trabalhadores eles atendem a propósitos distintos. O movimento punk luta pela classe trabalhadora e os mórmons reverenciam a classe dominante (que difícil pra um punk permanecer neste meio social por 18 anos).

Enfim, como eu não tenho dinheiro, faço da vida a minha escola, e apesar de todo suporte de todos os grupos com quem convivi, atribuo muito em particular a mim mesmo o meu conhecimento musical.

Meu último empreendimento intelectual na música foi aprender a escala pentatônica em seus desenhos e formas de aplicação, o que me levou uma semana. Com o tempo a gente passa a assimilar melhor as coisas, depois que você conseguiu aprender a ler oitenta idiomas, um desenho de escalas é um número reduzido de símbolos a serem memorizados... concorda?

Existe muito mais porém que um pode aprender na música e em muitos cantos... não costumo atribuir tarefas e mencionar músicos pois minha ideia é de uma revolução que transcende o senso comum do punk tradicional, e acho mesmo que esse punk nem deve existir supondo que ele reconheça a simbiose anárquica de seu comportamento com a irrefutável carga da evolução independente do que ele controvertia no princípio.

O lado positivo do DIY no punk é o de abrir espaço e a mente não apenas para criar e evoluir mas – e principalmente – as vezes para o artista o de proporcionar a concepção moral da necessidade da busca por algo novo onde o que foi dito lá atrás, não que não fosse verdadeiro, se torna ainda mais verídico pela sua própria restauração ou desenvolvimento lógico.

NO GODS NO MASTERS!!!

Encontro Punk Amazônia em Kaos: Roteiro Punk Cabano

Joker Índio

A história é sempre contada por aqueles que detêm o controle total de uma sociedade. Não foi e nem é diferente em Belém do Pará. Houve nessa cidade a maior revolta popular das Américas no período regencial, durante 5 anos (1835-1840). A revolta se alastrou pelo interior da região amazônica e influenciou várias províncias e países da América do sul.

O que foi a Cabanagem?

Quando essa pergunta é feita para a grande maioria da população do estado do Pará, ou até mesmo aos habitantes da capital, Belém, não é respondida. Quase ninguém sabe e o que significa a Revolução Cabana, infelizmente.

Quando a cabanagem é abordada pelos livros do ensino médio, somente é abordado um breve apontamento como um conjunto das revoltas na época da regência.

A Cabanagem foi a maior revolta popular onde o povo chegou ao poder, povo este formado por indígenas, africanos escravizados, caboclos e povo pobre livre, que decidiram pegar em armas para lutarem por liberdade, justiça e igualdade entre os seres humanos.

E com o resgate desta linda saga, protagonizada pelo povo amazônica, é que a direção do Encontro Punk Amazônia em Kaos decidiu incluir em sua programação a abordagem sobre o tema com a mostra do documentário “A Revolta dos Cabanos” (Guaia Filmes, 2016)

com a direção de Renato Barbieri, além, também, de promover um rolê no Centro Histórico de Belém, mostrando os principais cenários onde aconteceu esse grande fato histórico.

Além do objetivo de resgate e valorização da cabanagem para os habitantes locais, e pessoas de outros lugares, a intenção também foi a de correlacionar o ódio, a revolta, a luta, a resistência, a coragem, a ação direta e a solidariedade comuns entre o movimento punk e a Cabanagem.

O giro pelo Centro Histórico contou com a presença de Mauricio Remigio (PB), Valo Velho (SP), Johnny (GO), e Tahit (BA) e, eu, Joker Índio (PA) que os guiei apontando os cenários principais sobre a cabanagem. Não podemos esquecer a presença da pequena Dominique (Bartira), minha filha, que acompanhou todo o processo do encontro e interagiu com os punks e a comunidade onde aconteceu o evento.

Após o trabalho desenvolvido para a elaboração o roteiro, produzi um Zine sobre a cabanagem com o intuito de coloca-lo em meu relato.

A história da Cabanagem no Grão-Pará e Maranhão (1835-1840)

(texto do zine)

Durante o fim da colonização portuguesa e o período da regência no Brasil império, o poder econômico e político estava nas mãos dos portugueses e isso gerava insatisfação na pequena elite paraense e principalmente na camada mais miserável que era formada por indígenas, escravos, caboclos e brancos pobres. Nesta última viviam sob o mando e julgo dos portugueses que utilizavam as formas mais cruéis de dominação causando ódio e insatisfação nesta parcela da sociedade. Isso foi um dos motivos principais que impulsionaram a Revolta da Cabanagem. O termo cabano provém dessas pessoas que moravam em cabanas feitas de palha, mas eles se autodenominavam patriotas.

A revolução na capital da província do Grão-Pará e Maranhão, Belém, se deu em 7 de janeiro de 1835 e terminou no dia 13 de maio de 1836, porém só em 1840 a insurreição como um todo teve fim, pois tinha se alastrado pelo interior do estado.

Certamente a Cabanagem foi a maior revolta que o país já teve. A ânsia pela liberdade, igualdade e justiça protagonizada pela luta do povo nos toca até hoje em nós brasileiros, especialmente nós que somos do Pará. Os legalistas, os repressores e tiranos diziam que os nossos antepassados eram bárbaros, selvagens e vilões, mas sabemos que era o contrário, eles temiam que seus vergonhosos privilégios fossem extintos e seus crimes contra a humanidade fossem cobrados; daí a infâmia, a mentira.

Acontecimentos precedentes a Cabanagem

Por muito tempo acreditava-se que o território do Brasil colônia tinha a mesma feição que tem nos dias atuais, mas o território era dividido em dois estados: o estado do Brasil com sede em Salvador que mais tarde foi transferida para o Rio de Janeiro em 1763 e o estado do Maranhão e Grão-Pará (isso mesmo, o nome Maranhão vinha primeiro) 2 sendo a sede administrativa a cidade de São Luís que em 1737 transformou-se em estado do Grão-Pará e Maranhão com sede em Belém. A união desses dois estados, atual Brasil, só ocorre em 1774 com a capital no Rio de Janeiro.

Porém, mesmo que o Grão-Pará e Maranhão fizesse parte do Brasil, não havia uma ligação direta com o poder central no Rio, mas uma forte ligação social, cultural e econômica com Lisboa, e quem detinha o controle dessa ligação era a elite portuguesa formada por grandes comerciantes e proprietários de terra; e na base dessa pirâmide social estava os escravos, indígenas, caboclos e brancos pobres que eram impedidos de desenvolverem suas maneiras de sobrevivência. Mesmo que a balança comercial fosse superior à da província do Rio de Janeiro devido a distância e a navegação ser mais segura e rápida para Portugal as riquezas eram concentradas somente nessa pequena parcela da sociedade.

D. João VI chegou ao Brasil em 1808 escoltado pela marinha inglesa fugindo do Bloqueio Continental instituído por Napoleão Bonaparte. Após a sua chegada liberou os portos do país para o comércio mundial e mudou a categoria do Brasil de colônia para Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sendo a sede administrativa no Rio de Janeiro.

Após a expulsão dos franceses, houve em Portugal a revolução Constitucionalista do Porto em 1820 de cunho liberal, onde umas das medidas das Cortes era o regresso de D. João VI, uma constituição constitucionalista e recolonizar a América portuguesa, pois devido a abertura dos portos e o fim do pacto colonial com o Brasil, Portugal estava pobre e com a economia debilitada. E essa revolução do Porto

com ideais liberais influenciou o paraense Filipe Patroni que foi o primeiro a trazer a tipografia para Belém e posteriormente a fundação do primeiro jornal da capital chamado O Paraense. Com ele foi assinado a adesão do Pará à causa portuguesa em 1821, porém não houve transformação significativa por parte das elites locais em relação a pequena burguesia, militares de baixa patente, advogados, o baixo clero e principalmente a parte mais miserável da sociedade. Ele começou a usar o jornal para ir de contra os governantes e foi preso e mandado para Lisboa. Quem assumiu a direção do jornal foi o Cônego Batista Campos que era mais radical e queria a independência. Tinha um grande carisma pela maioria da população que aderira seus ideais e continuou a publicar material subversivo contra o governo.

A adesão do Pará ao Brasil

Com a independência do Brasil D. Pedro precisava unificar as províncias e enviou o mercenário inglês John Pascoe Grenfell para tal missão, a ideia a princípio era de que o mercenário fosse até a Bahia, mas por algum motivo seguiu até a Amazônia, e chegando em Belém apresentou uma suposta carta do imperador aos governantes da província afirmando que fecharia a entrada ao porto da cidade dificultando o escoamento e a chegada de produtos e em seguida caso não aceitassem a adesão ao império brasileiro iria bombardear Belém com uma esquadra que estava ancorada em Salinas. Caso reconhecessem a autoridade do império continuariam com seus postos e cargos públicos e o sistema de escravidão. Porém, John havia mentido. Não havia esquadra ancorada em Salinas e sua embarcação continha apenas um pouco mais de cem homens e Belém tinha uma população de 15 mil habitantes. A adesão do Pará à independência do Brasil foi assinada no dia 15 de agosto de 1823.

A tragédia do Brigue

Palhaço No dia 16 de outubro de 1823, militares do 2º Regimento de Artilharia de Belém e a população miserável recomeçou o ataque da noite anterior atacando as propriedades dos ricos comerciantes portugueses e órgãos públicos devido ao acordo de adesão ao império de D. Pedro. Os rebeldes queriam independência da província e o fim da escravidão e esta última continuava após a adesão, como o governo não conseguiu sufocar a revolta pediram ajuda ao mercenário inglês Grenfell que estava a serviço do império brasileiro para reprimir a revolta.

Ele mandou suas tropas desembarcarem no porto da cidade e ordenou prender todos que fossem suspeitos e invadir casas. No dia 17 conseguiu sufocar a revolta, fuzilou 5 pessoas e no dia 20 prendeu 256 pessoas entre soldados, rebeldes e pessoas inocentes que não tinham participação no levante; mais tarde no dia 22 fez com que todos os presos fossem transferidos para o brigue São José Diligente, depois conhecido como Brigue Palhaço, que segundo alguns historiadores estava atracado em frente ao Ver-o-Peso.

No porão do navio os presos começaram a entrar em agonia devido ao forte calor, sede e falta de ar, pois todas as entradas de ventilação foram fechadas, restando apenas uma pequena brecha. Em seu desespero devido à enorme sede pediam água e os soldados recolheram um pouco do rio e lançaram-na em um recipiente, a disputa pelo pouco líquido da vida fez as pessoas a se digladiarem e a fazerem protesto. Para conter os ânimos a guarnição deu alguns disparos de fuzil em direção ao porão e logo depois jogaram cal nos presos. O resultado foi que dos 256 presos, só um sobreviveu (João Tapuia).

Alguns relatos afirmam que se podiam ouvir os gritos de desespero pela cidade vindos da embarcação. O nome Palhaço foi devido as condições em que os corpos foram encontrados, pois, os olhos das vítimas estavam esbugalhados com os rostos pálidos e as bocas abertas.

Esse episódio mexeu com a alma dos paraenses causando indignação e revolta. O fato de o povo ser explorado e humilhado por muitos anos somou-se com a ira gerada pela tragédia do Brigue Palhaço, dando as bases para a revolução no dia 7 de janeiro de 1835.

A tomada de Belém em 7 de janeiro de 1835

Félix Malcher, os irmãos Vinagre e Eduardo Angelim faziam parte da pequena elite descontente e tinham ideias liberais. Juntaram-se 5 ao povo rebelde tramando a conquista de Belém. Antes da conquista da cidade o Cônego Batista Campos havia morrido devido a uma infecção causada ao fazer a barba, ele que foi o mentor intelectual de todo o processo revolucionário deveria ter sido o presidente da província após a vitória.

No dia do ataque havia a festa religiosa chamada de Santos Reis e as autoridades locais não perceberam que a cidade estava sendo cercada pelos insurgentes. Quando tudo preparado o povo invadiu o palácio dos governadores, atual Museu do Estado do Pará e o presidente da província Bernardo de Souza Lobo foi morto, junto ao capitão das armas e o chefe da marinha. O lema dos Cabanos era morte aos portugueses e maçons.

Assumiu o comando da cidade Félix Malcher, mas logo foi deposto e morto sob circunstâncias desconhecidas. No poder ele não fez as mudanças que a população almejava e ainda queria que o povo voltasse a sua rotina. Rotina miserável e de submissão.

Logo depois Antônio Vinagre assumiu o poder, mas ficou por pouco tempo devido a uma manobra malfeita com os representantes do império e foi preso. Seu irmão Francisco junto com Eduardo Angelim o libertaram, mas Antônio morre por um tiro que levou no ataque ao trem de guerra (paiol de pólvora), antigo prédio que fica ao lado da igreja das Mercês no centro de Belém. Dizem que ele levou o tiro na atual rua Frutuoso Guimarães esquina com João Alfredo. Quem assume a liderança depois da morte dele foi Eduardo Angelim.

No governo de Eduardo Angelim, o general Francisco José de Sousa Soares de Andrea, o barão de Caçapava, foi escolhido por Dom Pedro para acabar com a revolta e fechou a entrada da cidade dificultando a chegada de alimentos. A cidade ficou isolada e para piorar houve um surto de varíola, a cidade ficou em caos e por fim as tropas do governo brasileiro invadiu a cidade e acabou com a revolução em Belém, mas não no interior do estado.

Eduardo Angelim tentou fugir para se reorganizar a partir dos rebeldes no interior, mas foi preso e enviado ao Rio de Janeiro.

O começo do fim da revolta

Pode-se notar que apesar dos líderes Cabanos assumirem o poder, eles não fizeram mudanças reais para o povo, na verdade eles estavam somente para os próprios interesses e um dos exemplos que podemos indicar é a atitude de Eduardo Angelim de mandar matar Joaquim Afonso, líder dos escravos que ajudou na revolta e queria o fim da escravidão. Mas, Angelim não queria o mesmo que o seu aliado. Isso prova o descompasso dos interesses entre o povo e os seus líderes.

Mas, até aqui falei da pequena elite que assumiu o poder, mas houve realmente pessoas que queriam uma mudança real na sociedade, como abordei antes, o exemplo de Joaquim Afonso. Mas, em Cuipiranga na cidade Santarém houve uma liderança indígena conhecida como Miguel Apolinário Maparajuba. Ele foi um ótimo líder e tomou a cidade sem derramamento de sangue e muitos escravos, indígenas e caboclos viveram certa democracia em Cuipiranga. Maparajuba teve a ideia de colocar troncos de árvores em forma de canhões para intimidar os inimigos no local, mas quando descobriram a farsa invadiram e mataram quase todo mundo.

Assim foi até o estado de Manaus. O governo através de seus oficiais mandou matar todo mundo, inclusive inocentes. Estima-se que 40 mil pessoas morreram na guerra. Se fosse comparar estatisticamente com os números de hoje seria como se 2 milhões de pessoas fossem mortas.

Outro dado curioso é que nessa época, tanto os escravos, indígenas e caboclos falavam a mesma língua chamada nheengatu, que quer dizer língua boa ou fala boa no tupi.

Fico imaginando o porquê de nós brasileiros sermos tão passivos e até coniventes, cientes ou não, com tantos casos de corrupção na política, retirada de direitos, fome, miséria, devastação da natureza, falta de saúde, falta de educação, falta de segurança e tantas outras mazelas e não fazemos nada. A resposta que compreendi é que os nossos 7 antepassados e heróis foram todos mortos e não restou ninguém para

contar os seus exemplos para as gerações futuras. O que ficou foi a cultura, o modo de pensar e de ser do conquistador português e da elite que até hoje ocupa os cargos na política e só usa o povo para chegar ao poder e lhes roubar o que era para ser investido em saúde, educação, moradia e segurança.

Espero que esse texto tenha sido interessante. A história da Cabanagem é muito rica e esse trabalho é só um resumo. Dou a dica que os leitores e leitoras procurem mais sobre o assunto que tem bastante na internet e nas bibliotecas públicas.

Obrigado e que a Cabanagem nos inspire a sermos heróis e heroínas como nossos antepassados.

Referências

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. *Tempo* [online]. 2007, vol.11, n.22, pp.5-30

REVOLTA dos Cabanos. Direção de Renato Barbieri. Gaya Filmes, 2016.